

**PATRIMÓNIO CULTURAL**

6.1 Património arqueológico	209
6.2 Vias romano-medievais e pontes	212
6.3 Património vernacular	214
6.4 Património Mineiro	216
6.5 Os lugares	220
6.5.1 Alvre	222
6.5.2 Aguiar	224
6.5.3 Azenha/Corredoura	226
6.5.4 Beloi	228
6.5.5 Brandião	229
6.5.6 Couce	230
6.5.7 Covelo	232
6.5.8 Senande	234
6.5.9 Samada	236
6.5.10 Santa Comba	238
6.5.11 São Pedro da Cova	240
6.5.12 Moirama	242
6.6 Bibliografia	244

**Autores:**

Teresa Andresen  
Gonçalo Andrade (XSCAPES)  
Natércia França (CMG)  
Antónia Silva (CMP)  
Cristina Madureira (CMV)

## 6. Património cultural

A elaboração dos Estudos Prévios do Plano de Gestão do PSeP teve um papel decisivo na perceção por parte da equipa da quantidade e diversidade do património cultural e, na mesma medida, da lacuna de trabalho de pesquisa, nomeadamente arqueológica. Cremos estar perante uma paisagem cultural onde, a par com a sua particular singularidade geológica, coexistem os testemunhos de um notável complexo mineiro e tecnológico do período romano e de uma presença de matriz medieval de gestão territorial que se revela na rede viária, nos aglomerados e demais estruturas construídas. Esta situação surpreende quer pela proximidade do Parque ao Porto, um grande aglomerado populacional, quer pelo facto da sua posição na periferia imediata no Porto, na atualidade, revelar uma tão baixa presença do edificado. Ou seja, o fenómeno da sub-urbanização do Porto atingiu este território de forma pontual, junto aos lugares existentes dentro da área do PSeP.

A florestação das serras, nomeadamente a eucaliptização nas últimas quatro décadas, introduziu alterações profundas na paisagem na quase totalidade da área do Parque perturbando a leitura destes testemunhos. No entanto, a mobilização de equipas multidisciplinares ao terreno levou-nos a concluir que estes testemunhos se encontram ainda inscritos embora carentes de descodificação, interpretação e conservação.

O presente capítulo foi subdividido em Património arqueológico, Vias romano-medievais e pontes, Património vernacular (moinhos e muros) e Lugares. Incontornavelmente, este capítulo cruza-se com o segundo capítulo deste relatório orientado para a mineração romana. Assim, integra-se neste capítulo a **Carta C01** que é uma primeira tentativa de representar a espacialização do património cultural no PSeP e tornar evidente a sua distribuição.

Os dois rios principais que atravessam o Parque, o Ferreira a norte e o Sousa a sul, definem dois eixos estruturantes do Parque. Têm a particularidade de se manifestarem como dois vales predominantemente encaixados onde o património natural pontua de forma elevada em simultâneo com o património

cultural manifestado principalmente nos moinhos, açudes e pontes. Os dois rios definem eixos de concentração elevada de valores patrimoniais quer naturais quer culturais.

SÍTIO	Coordenadas	Freguesia	Serra/Local	Tipo	Cronologia	Espólio	Observações
<b>Mamoá de Brandiã</b>	X: -42952 Y: 157997)	Aguiar de Sousa	Brandiã	Monumento megalítico	Pré-história		
<b>Casa da Orca</b>	X: -29400.6, Y: 167298.8	Valongo	Serra de Santa Justa	Abrigo	Pré-história		
<b>Castro Santa Iria</b>	X: -23294, Y: 158670	Sobreira (e Gondomar)	Serra de Santa Iria	Castro		»Fragmentos de cerâmica incaracterísticos »Fragmentos de cerâmica comum – frag. bordo »Fragmentos de cerâmica de construção	
<b>Castro de Couce</b>	X: -29547.2, Y: 166201.4	Valongo	Serra de Santa Justa	Castro	Pré-história	Pedaços de telha, mós, fragmentos cerâmicos, apiladores, estruturas construtivas	
<b>Castro de Pias</b>	X: -28957.2, Y: 166472.1	Campo/Sobrado	Serra de Pias	Castro?	Pré-história ou romano	Fragmentos de telha, cerâmica e mós de granito. Machado quartzítico polido e moedas romanas	
<b>Castro de Santa Justa</b>	X: -30162.56, Y: 167550.37	Valongo	Serra Santa Justa	Castro	Pré-história	Fragmentos de telha, mós. 2 machados de talão, 2 anéis em bronze. Machado de sílex(?)	Materiais depositados no Museu de Etnografia e História
<b>Trabalhos Mineiros de Pias</b>	X: -27684 Y: 163860	Aguiar de Sousa	Serra de Pias	Trabalho mineiro	Romana		
<b>Trabalhos Mineiros de Pias</b>	X: -28688.64 Y: 166493.27	Campo / Sobrado	Serra de Pias	Trabalhos Mineiros	Romana		
<b>Trabalhos Mineiros de Santa Iria e Banjas</b>	X: -23958 Y: 159732	Aguiar de Sousa	Serras de Santa Iria e das Banjas	Trabalhos mineiros	Romana		
<b>Trabalhos Mineiros do Alto Castelo</b>	X: -28868.71 Y: 166997.14	Campo / Sobrado	Serra de Santa Justa	Trabalhos mineiros	Romana		

Quadro 6.1 - Quadro do Património

SITIO	Coordenadas	Freguesia	Serra/Local	Tipo	Cronologia	Espólio	Observações
<b>Trabalhos Mineiros de Santa Justa</b>		Valongo	Serra de Santa Justa	Trabalhos Mineiros	Romana	Fragmentos de mós, tégula, imbrex, apiladores, lucerna, conjunto de 12 peças bronze	Lucerna e peças em bronze depositadas no Museu do LNEG
<b>Exploração mineira romana secundária</b>		Campo / Sobrado	Serra de Pias	Trabalhos Mineiros	Romana		
<b>Oficina de Santa Comba</b>	X: -21576 Y: 159482	Sobreira	Santa Comba	Oficina	Romana	»Fragmentos de tégula	
<b>Povoado do Outeiro da Mó</b>	X: -21681 Y: 157681	Sobreira	Serra de Santa Iria	Povoado/ oficina	Romana	»Mós rotativas (inteiras e fragmentos) de granito »Apiladores de quartzito »Fragmentos de cerâmica sigilata »Metal (ferro) »Escórias	
<b>Povoado Oficina do Poço Romano</b>	X: -23468 Y: 160129	Sobreira	Santa Comba	Povoado/ oficina	Romana	»Mós rotativas (inteiras e fragmentos) de granito »Apiladores de quartzito » Fragmento de vidro » Fragmentos de cerâmica sigilata » Fragmentos de cerâmica comum »Cerâmica de construção	
<b>Povoado da Corredoura</b>	X: -28307.37 Y: 167183.13	Campo	defronte à vertente oriental da Serra de Pias			Fragmentos mós graníticas, tégula, cerâmicas	

SITIO	Coordenadas	Freguesia	Serra/Local	Tipo	Cronologia	Espólio	Observações
<b>Povoado Mineiro Quinta da Ivanta</b>	X: -30364.65, Y: 168542.0	Valongo	Sopé Serra de Santa Justa	Povoado/ oficina	Romano	Mós de granito, pequenas lajes de xisto, ânforas de proveniência bética e lusitana 2 fragmentos pratos terra sigillata tipo itálica 2 fragmentos sul da Gália 1 fragmento prato oleiro Albinus escória	
<b>Necrópole da Valdeira</b>	X: -23178 Y: 161141	Sobreira	Valdeira	Necrópole	Romana	»Recipientes diversos de cerâmica sigilata e comum »Fragmentos de cerâmica de construção (tégula e imbrex) »Lucernas	
<b>Necrópole da Corredoura</b>	Coincide com Povoado da Corredoura X: -28307.37 Y: 167183.13	Campo / Sobrado	defronte à vertente oriental da Serra de Pias	Necrópole	Romana	2 bilhas, 1 prato e 5 moedas finais séc. III* Cerâmicas de construção (tégula e imbrex); Cerâmica comum romana (frigideira, alguidar, pote, púcaro, tigelas, prato côncavo, asa) Fragmentos de vasos em terra sigillata	Espólio depositado no Museu Municipal e *Sociedade Portuguesa de Numismática
<b>Aras de Santa Comba</b>		Sobreira	Capela de Santa Comba	Epígrafe	Romana	Ara com epígrafe	
<b>Epígrafe funerária de Santa Justa</b>		Valongo	Serra de Santa Justa	Epígrafe	Romana		Depositada no Museu Soares dos Reis
<b>Caminhos velhos</b>	X: -24140 Y: 161670	Aguiar de Sousa					Troço de caminho velho

SÍTIO	Coordenadas	Freguesia	Serra/Local	Tipo	Cronologia	Espólio	Observações
<b>Torre Castelo de Aguiar de Sousa</b>	X: -25555 Y: 161686	Aguiar de Sousa	Vila	Castelo Roqueiro	Idade Média	»Espólio metálico: ponta de lança, ceítil (sec.XV-XVI), prego,... »Cerâmica de cobertura »Cerâmica doméstica: fragmentos de bordos, de fundos, de asas, indeterminados »Peças reconstituídas	Classificado MIP
<b>Vias Romanas</b>		Valongo Campo/Sobrado	Serras de Santa Justa e Pias		Romana		
<b>Vias Medievais</b>		Valongo Campo/Sobrado	Serras de Santa Justa e Pias		Medieval		
<b>Couto Mineiro de Valongo</b>		Valongo Campo/Sobrado	Serra de Santa Justa	Trabalhos Mineiros	Séc. XIX e XX		
<b>Exploração Lousífera</b>		Campo/Sobrado	Vinhas	Trabalhos mineiros	Séc. XIX – XX Contemporâneo		
<b>Aglomerado Rural de Couce</b>	X: -29679.66 Y: 165626.96	Valongo	Serra de Santa Justa				
<b>Igreja de São Romão</b>	X: -25314 Y: 160655	Aguiar de Sousa	Senande	Religioso	Séc. XVII Séc. XX (ampliações diversas)		
<b>Capela de São Sebastião</b>	X: -26313 Y: 162143	Aguiar de Sousa	Aguiar	Religioso	»1623 »Séc. XX (reformas e ampliação)		
<b>Capela de Nossa Senhora do Salto</b>	X: -25216 Y: 162158	Aguiar de Sousa	Salto	Religioso	»1623 »Séc. XVIII (intervensões)		

SÍTIO	Coordenadas	Freguesia	Serra/Local	Tipo	Cronologia	Espólio	Observações
<b>Capela de Santa Isabel</b>	X: -25051 Y: 158899	Aguiar de Sousa	Sarnada	Religioso	» 1500 » 1922 (restauro e ampliação)		
<b>Alminhas de Aguiar</b>	X: -26301 Y: 162185	Aguiar de Sousa	Aguiar	Religioso	Contemporânea		
<b>Cruzeiro de Via Sacra</b>	X: -25046 Y: 158903	Aguiar de Sousa	Sarnada	Religioso	Séc. XVIII		
<b>Capela de Santa Catarina</b>	X: -26407 Y: 164489	Recarei	Bustelo	Religioso	»1698		
<b>Capela de Santa Justa, Stª Rufina</b>	X: -30573.36 Y: 167679.08	Valongo	Serra Santa Justa	Religioso	1936		
<b>Capela de S. Sabino</b>	X: -30638.58 Y: 167688.60	Valongo	Serra de Santa Justa	Religioso	Séc. XI		
<b>Capela de N. Sr.ª Chãos</b>	X: -31899.34 Y: 168807.69	Valongo	Serra de Santa Justa	Religioso	1625		
<b>Cruzeiro Santa Justa</b>	X: -30573.36 Y: 167679.08	Valongo	Serra de Santa Justa	Religioso			2 Exemplares
<b>Cruzeiro de Nª Sr.ª Chãos</b>	X: -31899.34 Y: 168807.69	Valongo	Serra de Santa Justa	Religioso			
<b>Ponte de Talhinhos</b>	X: -24758 Y: 158567	Aguiar de Sousa	Sarnada	Pontes Rodoviárias	Séc. XIX (segunda metade)		
<b>Ponte da Milhária</b>	X: -28655.18 Y: 167175.84	Campo/Sobrado	Milhária	Ponte Ferroviária	1875		Linha férrea do Douro
<b>Ponte de Couce</b>	X: -29487.07 Y: 165397.89	Valongo	Couce	Ponte Rodoviária			
<b>Presas nas Banjas</b>	X: -20958.01 Y: 158723.52	Sobreira	Junto ao Complexo Mineiro das Banjas	Sistemas Hidroagrícolas			

SITIO	Coordenadas	Freguesia	Serra/Local	Tipo	Cronologia	Espólio	Observações
<b>Sistema de Regadio Aldeia de Couce</b>	X: -29679.66 Y: 165626.96	Valongo	Serra de Santa Justa	Sistema hidroagrícola		Presas de água e canais, alguns subterrâneos construídos em lousa	
<b>Moinhos do Castelo de Aguiar de Sousa</b>	X: -25785 Y: 161840	Aguiar de Sousa	Castelo	Moinho	Séc. XIX		
<b>Moinhos do Castelo</b>	X: -25625 Y: 162114	Aguiar de Sousa					
	X: -25670 Y: 162024	Aguiar de Sousa					
	X: -25692 Y: 161974	Aguiar de Sousa					
	X: -25784 Y: 161836	Aguiar de Sousa					
	X: -25675 Y: 161768	Aguiar de Sousa					
	X: -25465 Y: 161662	Aguiar de Sousa					
<b>Moinhos do Salto</b>	X: -25292.49 Y: 162192.64	Aguiar de Sousa	Salto	Moinho			
<b>Canal do Moinho de Santa Iria</b>	X: -22609.79 Y: 159098.62	Sobreira	Santa Comba	Moinho			
<b>Presas do Moinho de Santa Iria</b>	X: -22415.65 Y: 159246.10	Sobreira	Santa Comba	Moinho			
<b>Moinho de Vento</b>	X: -31789.08 Y: 168655.12	Valongo	Chãos	Moinho vento			Ruína
<b>Moinho</b>	X: -29597.77 Y: 168227.58 41°10'57.71"N 8°29'09.14"W	Campo/ Sobrado	Águas Férreas	Moinho			Ruína Margem esquerda rio Simão

SITIO	Coordenadas	Freguesia	Serra/Local	Tipo	Cronologia	Espólio	Observações
<b>Moinho</b>	X: -28997.59 Y: 167064.60	Campo/ Sobrado	Azenha	Moinho			adulterado Margem esquerda rio Simão
<b>Moinho</b>	X: -28982.57 Y: 167147.53	Campo/ Sobrado	Azenha	Moinho			adulterado Margem esquerda rio Simão
<b>Moinho</b>	X: -29000.71 Y: 167217.01	Campo/ Sobrado	Azenha	Moinho			adulterado Margem esquerda rio Simão
<b>Moinho</b>	X: -28999.24 Y: 167293.20	Campo/ Sobrado	Azenha	Moinho			adulterado Margem esquerda rio Simão
<b>Moinho</b>	X: -28678.78 Y: 166926.37	Valongo	Queiva	Moinho			Adaptado casa férias Margem direita rio Ferreira
<b>Moinhos da Queiva</b>	X: -28816.21 Y: 166833.74	Campo/ Sobrado	Queiva	Moinho			Ruína Margem direita rio Ferreira
<b>Moinhos do Cuco</b>	X: -28974.96 Y: 166950.98	Campo	Serra Santa Justa	Moinho			
<b>Moinho</b>	X: -29204.51 Y: 166966.40	Valongo	Serra Santa Justa	Moinho			
<b>Moinho</b>	X: -29262.76 Y: 166798.81	Valongo	Serra Santa Justa	Moinho			Ruína Margem direita rio Ferreira

SITIO	Coordenadas	Freguesia	Serra/Local	Tipo	Cronologia	Espólio	Observações
<b>Moinho (Adega - Cavadinha??)</b>	X: -29373.03 Y: 166621.86	Valongo	Serra Santa Justa	Moinho			Adulterado Margem direita rio Ferreira
<b>Moinho (Cavadinha??)</b>	X: -29379.76 Y: 166571.60	Valongo	Serra Santa Justa	Moinho			Desativado Margem direita rio Ferreira
<b>Moinho (Ravessa??)</b>	X: -29397.65 Y: 166296.50	Valongo	Serra Santa Justa	Moinho			Adaptado habitação permanente Margem direita rio Ferreira
<b>Moinhos de Além</b>	X: -29502.10 Y: 165487.73	Campo	Serra Pias	Moinho			Ruína Margem esquerda rio Ferreira
<b>Moinho</b>	X: -29442.47 Y: 165298.07	Valongo	Serra Santa Justa	Moinho			Ruína Margem direita rio Ferreira
<b>Moinho das Oliveiras</b>	X: -29303.03 Y: 165009.68	Valongo	Serra Santa Justa	Moinho			Razoável Margem direita rio Ferreira
<b>Moinhos da Ucha</b>	X: -29351.37 Y: 164758.76	Valongo	Serra Santa Justa	Moinho			Razoável Margem direita rio Ferreira
<b>Moinho do Vicente</b>	X: -29293.66 Y: 164439.54	Valongo	Serra Santa Justa	Moinho			Razoável Margem direita rio Ferreira

SITIO	Coordenadas	Freguesia	Serra/Local	Tipo	Cronologia	Espólio	Observações
<b>Moinho</b>	X: -29384.60 Y: 164266.22	Valongo	Serra Santa Justa	Moinho			Ruína Margem direita rio Ferreira
<b>Moinho</b>	X: -29478.18 Y: 164133.95	Valongo	Serra Santa Justa - Fragas do Diabo	Moinho			Ruína Margem direita rio Ferreira
<b>Moinho (cobertura Lousa)</b>	X: -29656.56 Y: 164137.75	Valongo	Serra Santa Justa	Moinho			Razoável Margem direita rio Ferreira
<b>Moinhos de Alvre</b>	X: -23948 Y: 162726						
	X: -23947 Y: 162689						
	X: -23955 Y: 162725						
<b>Moinhos de Sarnada</b>	X: -25280 Y: 158683	Aguiar de Sousa					
	X: -25353 Y: 158770	Aguiar de Sousa					
	X: -25808 Y: 158948	Aguiar de Sousa					
	X: -25693 Y: 158816	Aguiar de Sousa					
	X: -25548 Y: 158660	Aguiar de Sousa					
<b>Moinhos da Devesa</b>	X: -27191 Y: 161005	Aguiar de Sousa					
	X: -27084 Y: 160806	Aguiar de Sousa					

SITIO	Coordenadas	Freguesia	Serra/Local	Tipo	Cronologia	Espólio	Observações
	X: -26823 Y: 160320	Aguiar de Sousa					
	X: -26281 Y: 160339	Aguiar de Sousa					
	X: -27663 Y: 162315	Aguiar de Sousa					
<b>Moinhos do Salto</b>	X: -25290 Y: 162190	Aguiar de Sousa					
	X: -25224 Y: 162258	Aguiar de Sousa					
<b>Moinho de presada de Santa Iria</b>	8°23'59.80 41° 6'7.40"	Sobreira					
<b>Moinho da ribeira de Santa Comba</b>	X: -24073.71 Y: 161699.26	Aguiar de Sousa					
<b>Trabalhos Mineiros de Pias</b>	X: -28053.80 Y: 163970.04	Aguiar de Sousa/ Recarei	Serra de Pias				
	X: -28041.64 Y: 163359.21						
	X: -27626.33 Y: 163844.11						
	X: -27614.24 Y: 163844.11						
<b>Trabalhos Mineiros da Bengada</b>	X: -27568.97 Y: 164387.48	Recarei	Bustelo				
<b>Ponte de Alvre</b>	8o25'08.64"O 41o07'59.39"N	Aguiar de Sousa	Alvre				
<b>Capela de Santa Marta</b>	8o25' 01.25"O 41o 07' 54.88"N	Aguiar de Sousa	Alvre				

## 6. Património cultural

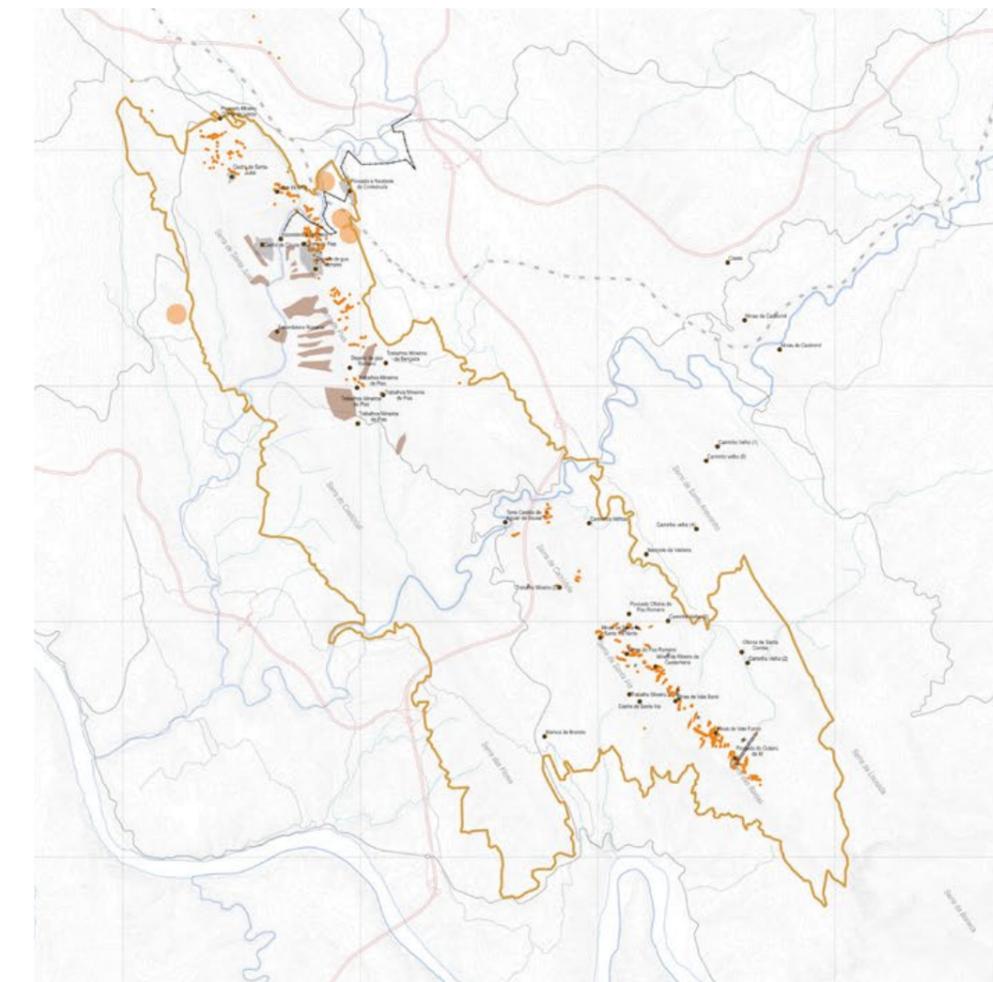
### ▶ 6.1 Património arqueológico

Conforme referimos, o património arqueológico, nesta fase dos Estudos Prévios, está ainda dependente dos trabalhos conducentes ao capítulo segundo sobre a mineração romana no Parque e que incide sobre galerias, fojos e banjas, exploração do secundário (escombreiras) estruturas hidráulicas, etc. Assim, neste sub-capítulo privilegia-se referenciar a Mamoa de Brandiã que nos permite dizer que no PSeP temos 6000 anos de testemunhos da história do homem, quatro castros - estruturas bastante desconhecidas, que aparentam dimensões consideráveis, com vestígios de ocupação pré-romana e de romanização -, duas necrópoles - igualmente bastante desconhecidas - e quatro povoados-oficina (**Carta C01**).

#### 6.1.1 Mamoas

As mamoas são túmulos funerários que se enquadram no Megalitismo do Noroeste Peninsular e testemunham, na paisagem, a presença humana durante o IV milénio a. C.. A Mamoa de Brandiã trata-se de um monumento funerário pré-histórico, com 18m de diâmetro, câmara circular e corredor com orientação Nordeste, de esteios em quartzito. Fruto da vandalização apresenta uma cratera central com 150cm de profundidade. Foi alvo de um Projeto de Valorização co-financiado pelo Programa LEADER+ - Terras do Sousa, que permitiu a realização de trabalhos de limpeza, a delimitação com cerca de madeira, colocação de painel interpretativo e respetiva sinalização viária.

- Legenda**
- Património Arqueológico
  - Minas
  - Canal
  - ▒ Zonas de Protecção Património Arqueológico
  - ▒ Galerias
  - Cortas
  - Área de coluvião explorado pelos Romanos



Carta C01 - Património arqueológico

## 6. Património cultural

Realizam-se visitas orientadas do ponto de vista pedagógico-didático para público escolar e geral.

Monumentos semelhantes foram identificados em Broalhos na freguesia de Medas e, ainda a confirmar, restos de duas mamoas no Alto do Padrão.

### 6.1.2 Castros

**Castro de Couce** - ocupa um outeiro de configuração arredondada situado a meia encosta na vertente Sul da serra de Santa Justa, sobranceiro ao rio Ferreira e à aldeia do mesmo nome.

No perímetro do sítio arqueológico identificam-se amontoados de pedra de construção e alguns taludes reveladores de muralhas ou plataformas de construção. No flanco Norte e Nordeste parece identificar-se um provável fosso que reforçava a defesa do lado mais vulnerável. Ao longo da encosta identificam-se inúmeros vestígios cerâmicos de época romana - tégula, cerâmica comum e "terra sigillata". Embora não sendo de descartar a hipótese de o local possuir ocupação pré-romana, da Idade do Ferro, os vestígios mais evidentes apontam para uma importante ocupação do período romano, certamente associada à exploração aurífera da serra de Santa Justa. (in Revisão do PDM de Valongo - Estudo sectorial de Arqueologia - Relatório Final - anexo, 2014)

**Castro de Pias** - corresponde topograficamente a uma plataforma e remate de esporão localizado na vertente Norte da serra de Pias, sobranceiro ao rio Ferreira. O local arqueológico encontra-se muito afetado pela implantação na sua área de um poste elétrico e pela abertura de um largo estradão que rasgou e aplanou o local. (in Revisão do PDM de Valongo - Estudo sectorial de Arqueologia - Relatório Final - anexo, 2014)

**Castro de Santa Iria** - Local com condições naturais de defesa, excelente domínio visual, associado a vários trabalhos mineiros romanos com o eventual povoado fortificado. A prospeção arqueológica permitiu identificar fragmentos cerâmicos incaracterísticos.



Fig 6.1 - Castro de Couce e Castro de Pias



Fig 6.2 - Castro de Santa Justa

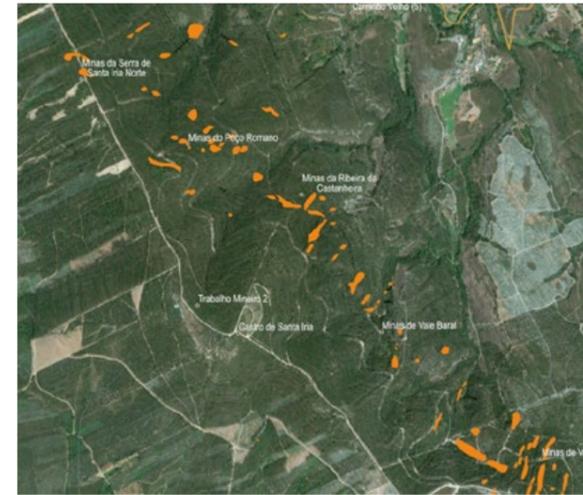


Fig 6.3 - Castro de Santa Iria

**Castro de Santa Justa** - Esporão localizado na vertente da serra de Santa Justa, formando uma plataforma virada a Leste. No relatório do PDM de Valongo de 1995 refere-se o aparecimento de algum "espólio escasso" que parece apontar uma "cronologia atribuível ao Bronze Final" (Pinto, 1992). O aparecimento de 2 machados de talão com dois anéis, em bronze, do tipo Monteagudo 35, atribuídos ao Bronze Final, provenientes do Alto de Santa Justa poderão estar relacionados com este local (in Revisão do PDM de Valongo - Estudo sectorial de Arqueologia - Relatório Final - anexo, 2014).

### 6.1.3 Necrópoles

**Necrópole da Corredoura** - Defronte à vertente oriental da serra de Pias, numa zona sensivelmente plana do vale aluvionar do rio Ferreira, na zona da Corredoura e Capela, identificaram-se sepulturas pertencentes a uma necrópole de incineração com espólio cerâmico e moedas associados, datáveis dos finais do séc. III, inícios do séc. IV. A deteção à superfície, nas proximidades, de grande quantidade de mós graníticas, pedaços de tégula e fragmentos cerâmicos, sobretudo na abertura de leiras e covas para o plantio de vinha, leva a pensar estarmos perante um assentamento da época Romana, de tipo aberto, provavelmente conotado com a exploração mineira da serra de Pias, sendo contudo extremamente difícil precisar, dada a inexistência de escavação, se se trata de uma villa, de um casal ou de um povoado de maiores dimensões (Mendes-Pinto, 1994).

**Necrópole da Valdeira** - Descoberta em 1943, durante movimentação de terras. Situa-se no sopé da vertente Este da serra de Santa Iria, junto da ribeira de Santa Comba. Do espólio destacam-se vários recipientes cerâmicos e lucernas. Pela dispersão de fragmentos de cerâmica de construção esta necrópole poderá estar relacionada com um povoado.

### 6.1.4 Povoados oficina

**Povoado da Quinta da Ivanta** - Este importante sítio arqueológico romano ocupa um conjunto de plataformas da vertente nordeste da serra de Santa Justa, desde as proximidades do designado Fojo das Pombas até à Rua da Ivanta, na periferia urbana. Trata-se de um povoado romano que se estende por uma vasta área onde se identificam não só vestígios de habitações como de estruturas - canais, tanques e galerias - diretamente relacionadas com a exploração aurífera romana da serra de Santa Justa. Do ponto de vista do conhecimento e da proteção da estação arqueológica importa distinguir duas áreas: 1 - área ocupada pelas plataformas superiores, mais próximas do Fojo das Pombas, identificada através de vestígios de superfície - sobretudo cerâmica e mós - a qual se encontra delimitada e tem uma área de proteção definida no PDM de Valongo; 2 - área ocupada pelas plataformas inferiores, na designada Quinta da Ivanta, onde foram realizados trabalhos de sondagens e escavações arqueológicas motivados por um projeto imobiliário previsto para aquele espaço, e que se encontra fora da zona de proteção consignada no PDM. (in Revisão do PDM de Valongo - Estudo sectorial de Arqueologia - Relatório Final - anexo, 2014)

**Povoado oficina de Santa Comba** - Na década de 30, do século passado, quando da abertura do caminho, terá aparecido uma estrutura granítica, na confluência das ribeiras de Lagares e das Banjas, permanecendo hoje, uma vala escavada na rocha com cavidades quadrangulares laterais, que poderão corresponder a encaixes de entivação. Neste local recolheram-se fragmentos de cerâmica de construção, designadamente tégula.

**Povoado oficina do Outeiro da Mó** - Localizado na encosta nordeste da serra das Banjas, caracteriza-se por um esporão aplanado junto ao qual corre um ribeiro que poderia ter abastecido a água necessária para o processo de lavagem do

minério. Está associado à mina das Banjas que corresponde à concessão da serra de Montezelo com vestígios de exploração que remontam à época romana. À superfície encontram-se várias evidências arqueológicas relacionadas com o tratamento do minério. Inúmeros fragmentos de mós rotativas de granito, apiladores de quartzo e cerâmica sigilata (Soeiro, 1984; Lima et al, 2011).

**Povoado oficina do Poço Romano** - Na vertente nordeste da serra de Santa Iria, numa área aplanada, surgem à superfície evidências relacionadas com a atividade doméstica e oficial associada aos trabalhos mineiros. O sucessivo plantio de eucaliptal tem provocado revolvimento de terras impedindo a identificação de eventuais alinhamentos de estruturas pétreas, agravada pelas características geológicas xistentas, cuja fragmentação dificulta a perceção. À superfície recolheram-se mós rotativas de granito, apiladores de quartzo, cerâmica sigilata, comum e de construção (Lima et al, 2011).



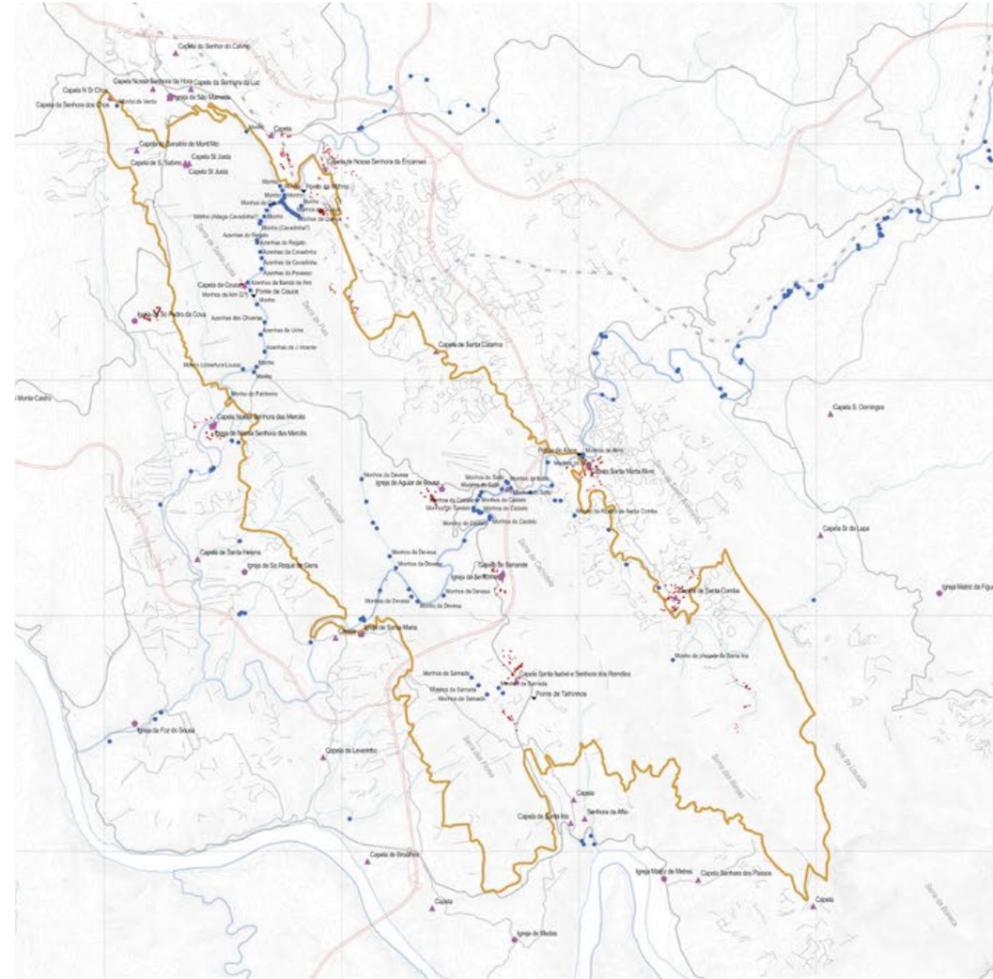
## 6. Património cultural

### 6.3 Património vernacular

O PSeP é particularmente rico em património vernacular, nomeadamente nos seus lugares onde prevalecem ainda notáveis estruturas construídas associadas à atividade agrícola, de que é de destacar a chamada casa-pátio. Destaca-se o património de moinhos e muros tendo por base a leitura da Carta Militar da década de 1940. Os moinhos concentram-se ao longo dos rios Ferreira e Sousa. Naturalmente que muitos destes moinhos se encontram em ruína, alguns mesmo em estado muito adiantado. No entanto constituem um elemento identitário da paisagem do PSeP. Os muros em xisto, frequentemente incorporando elementos de quartzo (material proveniente das escombreiras romanas), estão de um modo geral bastante dispersos e destruídos, mas são novamente considerados um elemento identitário do Parque. No entanto, carecem de um levantamento atualizado sendo que o seu levantamento a partir das Cartas Militares da década de 1940 é meramente indicativo.

A **Carta C03** apresenta o referido levantamento onde também se assinalou o património religioso: capela de Santa Justa e Santa Rufina, capela de São Sabino, capela de Nossa Senhora de Chãos, Capela de Couce, capela de São Sebastião/Aguiar, Igreja de Aguiar de Sousa, em Senande, capela de Santa Isabel/Sarnada, Capela da Senhora do Salto e Capela de Santa Marta/Alvre.

Legenda	
	Pontes
	Moinhos
Muros	
	Muro de Alvenaria
	Pedra Solta
Igrejas e Capelas	
	Capela
	Igreja
	Igreja Matriz
	Valores edificadas nos lugares



Carta C03 - Património vernacular e religioso

#### 6.3.1 Moinhos

**Moinhos no vale do rio Ferreira** - Os moinhos e açudes estão enraizados na história do concelho de Valongo, nomeadamente relacionados com a indústria panificadora cujas origens remontam à Baixa Idade Média, estando a sua edificação referenciada nas Inquirições Afonsinas de 1258. Em tempos, a atividade moageira assumia-se como a principal atividade económica de Valongo e, nos finais do século XVIII e princípios do século XIX, produzia e abastecia a cidade do Porto de pão, imprimindo um forte desenvolvimento no concelho. Isto permitia aos padeiros de Valongo alimentar toda a região envolvente e, com o produto do seu trabalho, contribuir decisivamente para a construção da nova igreja, começada a edificar pelos finais do século XVIII. No entanto, esta atividade – panificação – contribui também para a alteração da paisagem devido ao corte de árvores para aquecimento dos fornos a lenha, provocando uma grande desflorestação das serras.

Atualmente, identificamos cerca de 40 construções nas margens dos rios Simão e Ferreira, a maioria em ruína, de moinhos de rodízio. Estas edificações eram/são construídas com blocos de rocha quartzítica, ombreiras e padieiras das portas em granito. Através de fotografias antigas constatamos que a cobertura era feita em lousa e substituída por telha mais recentemente. Associadas às construções de maior dimensão foram identificadas estruturas mais pequenas, que normalmente possuíam apenas 1 mó, denominadas por galochas, usadas para a moagem de cereal para o gado.

Nas Memórias Paroquiais de 1758 é referida a existência de moinhos de moer trigo e graúdo, que funcionam predominantemente no Inverno uma vez que no verão a água escasseava. Destacamos o núcleo no Lugar da Azenha, conhecidos pelos Moinhos do Cuco, onde ainda bem recentemente era possível observar a produção de farinha através de técnicas tradicionais. Os açudes são também reflexo desta atividade pois eram construídos para elevar e desviar a água dos rios e para a conduzir, através da levada ao moinho. Nas padieiras e ombreiras

das portas por vezes aparecem pequenas gravuras cuja simbologia carece de ser estudada. Há locais onde a existência de uma cruz representa que o dono está isento de impostos à igreja e não prestava serviços ao rei; um arco e flecha que estava isento de ir para a guerra caso ela houvesse. Enquanto as mós transformavam os grãos de milho em farinha, os moleiros iam criando quadras e cantigas como forma de ocupar o tempo.

O Moinho do Património fica localizado na margem direita do rio Ferreira, no lugar de Beloi, na freguesia de São Pedro da Cova. Nas Memórias paroquiais de 1758 são referidas 29 casas de moinhos alveiros e negreiros na freguesia de São Pedro da Cova. É uma construção antiga, centenária, possui 4 mós, sendo que atualmente uma ainda se encontra ativa. Contígua a esta construção existe uma outra que em tempos também foi moinho e atualmente serve de arrecadação. Durante as décadas de 50, 60 e 70 do século passado, este moinho possuía um moleiro que trabalhava a tempo inteiro, e moía cereais para todas as padarias das proximidades, moía muitas vezes continuamente. Está implantado numa vasta área de terrenos agrícolas, alguns com cultura de milho. Este moinho é propriedade privada, mas com a permissão dos proprietários têm realizado visitas guiadas, uma vez que é o único a laborar frequentemente no concelho de Gondomar.

NOTA: Encontramos também ruína de um moinho que aparece referenciado como moinho de vento junto à Capela de Nossa Senhora dos Chãos. Este possui planta circular e encontra-se em ruína parcial (possui as paredes). Foi mandado construir por Miguel Gonçalves dos Reis.

**Moinhos no vale do rio Sousa** - Nas margens do rio Sousa, observam-se várias casas de moinho que se concentram junto ao rio mas nas proximidades dos aglomerados populacionais, concretamente em Alvre e Sarnada, enquanto que o lugar de Aguiar recorria aos moinhos do Salto e do Castelo. Caracterizam-se pela planta retangular; construção em xisto nu, cobertura

de duas águas com remates em lousa. Desenvolvem-se em dois pisos, o inferior por onde circula a água movimentando o sistema hidráulico e o superior, com soalho de madeira onde se encontram as mós e se realiza a moagem do cereal, sendo que alguns ainda se encontram ativos. No sopé da serra de Santa Iria existe uma estrutura, recentemente recuperada e que é de uso sazonal, cuja água presada vem da serra e é conduzida por um canal.

#### 6.3.2 Muros

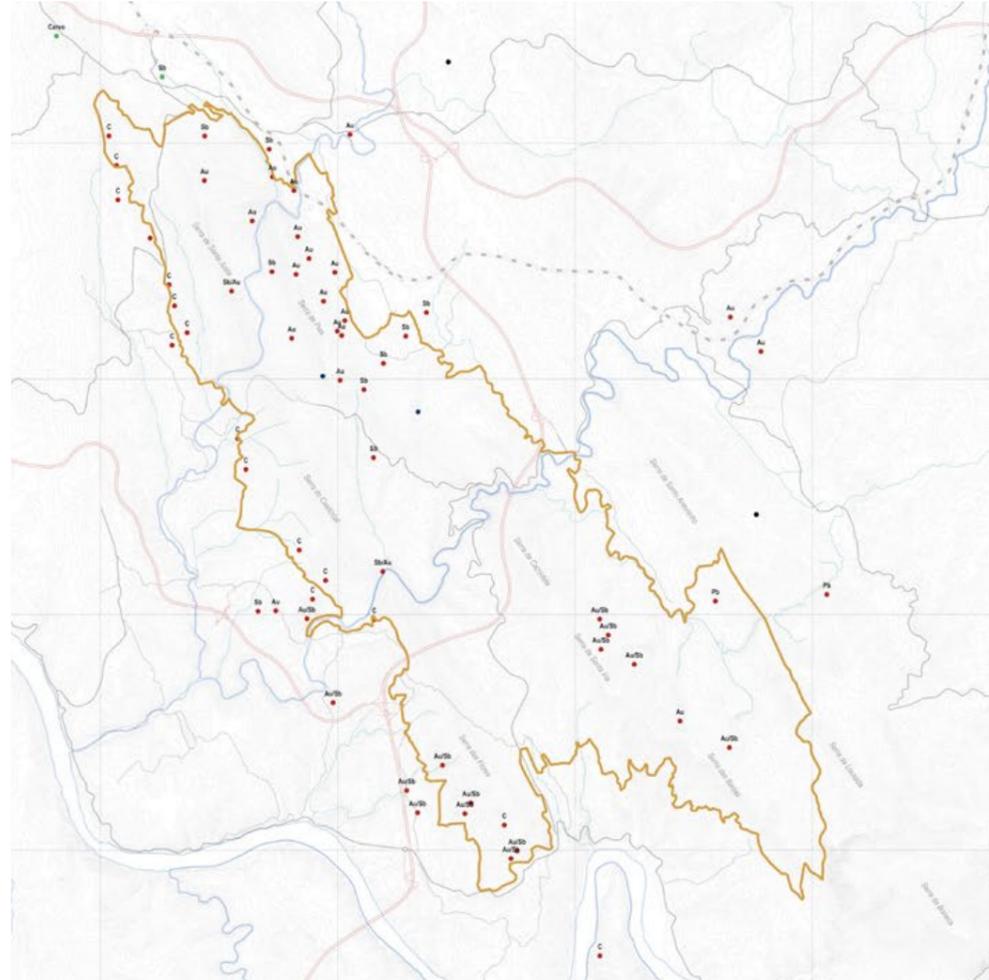
Os muros são construções marcantes nas nossas paisagens que a compartimentam tendo como finalidade limitar propriedades, campos de cultivo ou pastagens. São sinais da presença humana na paisagem e definem espaços sociais e económicos. A paisagem das serras de Santa Justa e Pias, Santa Iria e Banjas é composta por uma séria de construções que a moldaram ao longo dos tempos dando-lhe o carácter único que possui. São disso exemplo os muros em xisto e/ou rocha quartzítica, materiais nobres da região, utilizados para limitar propriedades, campos cultivados e/ou de pastagem. São utilizados também para sustentar terras em declives e proteger dos ventos, como os muros retilíneos que se observam no lugar de Aguiar e em Beloi nas agras da margem direita do rio Ferreira. Encontramos também na paisagem lajes em lousa, na posição vertical, que servem para marcar os limites das propriedades. Algumas possuem gravação das iniciais dos nomes dos proprietários. Por vezes nestas construções murárias utilizam-se técnicas nos paramentos e capeamentos que imprimem equilíbrio e estética à paisagem. Na carta de muros observa-se maior concentração nos lugares de Alvre e de Santa Comba, de configuração tendencialmente circular, que ao comparar com a cartas dos aglomerados, percebe-se a correspondência com as respetivas cercas.

## 6. Património cultural

### 6.4 Património Mineiro

O PSeP contém em si a memória de toda uma vivência mineira milenar já sobejamente referenciada. No presente subcapítulo enfatiza-se apenas a exploração lousífera e carbonífera sendo que a aurífera se encontra tratada no segundo capítulo.

A **Carta C04** indica-nos as minas (ouro, carvão, chumbo e antimónio) assim como a sua situação sob o ponto de vista da exploração sendo que de momento todas se encontram desativadas.



Carta C04 - Minas

#### 6.4.1 O carvão

A Mina de São Pedro da Cova, integrada na bacia carbonífera do Douro, foi descoberta no final do século XVII e o seu carvão foi explorado até 1970. A indústria mineira em São Pedro da Cova marcou profundamente a paisagem e traçou o rumo do desenvolvimento económico, social e cultural desta zona. Produzindo antracite de qualidade, as concessões sucederam-se em Ervedosa, Montalto, São Pedro da Cova e Passal de Baixo, no entanto até 1804, a extração era feita de forma irregular. Em 1900, a produção anual era calculada em 6 000 toneladas; em 1914 atingiu as 25 mil toneladas; em 1932 foram extraídas 183 289 toneladas de antracite em bruto e em 1941, em plena guerra, chegaram a produzir 360 mil toneladas de carvão. Os sucessivos aumentos de produção corresponderiam a uma evolução da procura, por parte da indústria e dos transportes. Em 1921 eram extraídas 500 toneladas diárias de carvão, e esperava-se que após o início do funcionamento do cavalete em madeira do Poço de S. Vicente, a extração aumentasse para 800 toneladas diárias. Existiam ainda outros poços com cavaletes em madeira, nomeadamente o Poço São Pedro e o Poço Lameira. Em 1921, a mina já possuía o Cabo aéreo que terminava no Monte Aventino e a rede de carris para transporte do carvão até Massarelos, no Porto.

As minas de carvão de S. Pedro da Cova foram um pólo de desenvolvimento económico local que atraíram várias pessoas de outras regiões, que para aí se deslocavam em busca de trabalho. Sendo a habitação uma questão crucial nas sociedades industrializadas, a Companhia das Minas de Carvão de São Pedro da Cova adotou medidas para colmatar este problema construindo bairros operários, denominados de bairros mineiros, bem como casas da malta onde os operários, provenientes de outras regiões do país, pernoitavam durante a semana, regressando às aldeias em dias de descanso. O atual Museu Mineiro é a única Casa da Malta ainda existente. No interior da mina, dezenas de operários trabalhavam com as suas picas e pás, procurando extrair a maior quantidade possível de carvão mineral, iluminados exclusivamente pelo seu gasómetro. Na superfície, o espetáculo do trabalho era dominado por mulheres e crianças. O trabalho de escolha do carvão era realizado num espaço coberto, onde as mulheres se posicionavam em torno de um tapete rolante onde era feita a

seleção do minério. Uma outra função primordial das mulheres era a britagem do carvão bruto extraído pelos operários do subsolo. São memoráveis as greves, nomeadamente a greve geral em 1923, provocada, segundo a imprensa, pela "situação miserável dos mineiros [...] dada a exiguidade dos salários" e tendo como causa imediata a suspensão de um operário que teria sido encontrado "dormindo vencido pelo sono e pelo cansaço depois de 16 horas consecutivas de trabalho"; a greve terminou com a aceitação, pela empresa, da "admissão completa de todo o pessoal" suspenso e o "cumprimento integral do horário de 8 horas de trabalho", além de outras regalias salariais e sociais.

A revolução energética trazida pela eletricidade, produzida a partir dos recursos hídricos e, posteriormente, pela utilização do fuelóleo, alteraram por completo as condições de exploração de carvão, reduzindo drasticamente os seus consumos domésticos e, sobretudo, industrial. As minas de São Pedro da Cova conseguiram resistir a esta revolução enquanto a Central Termo - Elétrica da Tapada do Outeiro absorveu 85% (90 toneladas das 120 mil toneladas anuais) do carvão extraído. No entanto quando, em 1969, aquela central foi reconvertida e passou a utilizar Fuelóleo como combustível, deixando de queimar os carvões da bacia do Douro – função para a qual, aliás, teria sido construída, o futuro das minas ficou definitivamente comprometido, bem como o de toda uma comunidade que delas dependia. No seu último ano de laboração as Minas de Carvão de São Pedro da Cova produziram 101 000 toneladas.

O Couto Mineiro de S. Pedro da Cova com o nº C.M. 41, área de 1324 hectares, assentava em 16 concessões que se espalham pelas freguesias de Covelo, Fânzeres e São Pedro da Cova. De entre todas as infra-estruturas mineiras construídas na freguesia, ainda hoje, se destaca o antigo complexo mineiro, onde se centram os edifícios de tratamento e expedição de carvão. O Cavalete em cimento armado do Poço de São Vicente, com 38,45m de altura (equivalente a 12/13 andares), inaugurado oficialmente em 1935, ainda existe sendo o Ex-libris da freguesia. É desde 1990 o logótipo escolhido para o Departamento de Minas da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto. É uma construção única em Portugal, existindo apenas mais um exemplar idêntico mas com dimensões mais reduzidas e data posterior, tendo sido claramente influenciado pela construção do de São Pedro da

Cova. A partir de um parecer técnico sobre o Cavalete, solicitado à Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto em 1996, deu-se início ao processo de Classificação para Monumento de Interesse Público, que se arrastou até 2010. A 19 de Março de 2010 é publicada na portaria 221/2010 da 2.ª série - n.º 55 - do Diário da República, a decisão final da classificação do cavalete ao fim de 14 longos anos: "é classificado como monumento de interesse público (MIP) o Cavalete de São Vicente e instalações do Couto Mineiro, freguesia de São Pedro da Cova, concelho de Gondomar, distrito do Porto...". "A classificação do cavalete de extracção de carvão e instalações do poço de São Vicente da Mina de São Pedro da Cova justifica-se pelo valor histórico, técnico - construtivo e social".

#### 6.4.2 Lousa

Em 1862 já existia a Pedreira da Milhária, conforme atesta um registo de óbito, que era explorada de modo artesanal. Os ingleses, que se dedicavam ao comércio do vinho do Porto, cedo descobriram as potencialidades da lousa para os seus navios, pois faziam o lastro tão necessário para a estabilidade das embarcações, ao que se junta a sua aplicação em revestimentos de casas e telhados, sob a forma de soletos, pela sua impermeabilidade. Acreditamos que a designação soletos deriva da palavra slate, lousa em inglês. A companhia inglesa "The Vallongo Slate and Marbles Quarries", fundada em 1865, iniciou a exploração industrial da ardósia, sendo a mina do Galinheiro, em Valongo, a primeira a ser explorada. Contudo, o seu registo só veio a ser efetuado em 1884, em resposta à exigência do Decreto de 6 de março do mesmo ano. Em 1866 foi criada a Companhia de Mineração Actividade, empresa de capitais exclusivamente portugueses, dedicada à extração, transformação e comércio de lousa.

No inquérito industrial de 1881, são referenciadas sete pedreiras, empregando 103 homens, 24 mulheres e 18 crianças. Existiam 20 oficinas de serração com cerca de 100 operários. A maior pedreira era do Galinheiro que, em 1878, atingiu a produção de 3.000ton, com o valor médio de 8\$000 réis/ton.

No início séc. XX foram criados ramais sobre carris para levar a lousa do Galinheiro, Sobrido, Vale de Amores e Milhária até à linha

de caminho-de-ferro, que desembocava no porto de Leixões. Em 1916, deu-se a suspensão dos trabalhos em Vale de Amores e na Milhária, ficando desempregados cerca de 1000 operários e seguindo-se anos de grandes dificuldades.

Em 1927 a economia apresentava sinais de recuperação, tendo o diretor da companhia inglesa, Archibald J. Wall, assumido o encargo com a eletrificação de Valongo à falta de meios da Câmara para o fazer. A dívida só foi saldada em 1946 com a construção, por parte da Câmara, da estrada que liga a Chã à Milhária. Em 1930 a Empresa das Lousas de Valongo (ELV) adquire todo o ativo e passivo da Vallongo Slate. A situação económica voltou a agravar-se o que se refletiu na vida dos operários e família. Para auxílio aos seus trabalhadores, a ELV passou a explorar uma padaria com 2 fornos e uma cantina (mercearia).

Nos anos 30, surgiu o movimento sindical que pretendia melhorar as condições precárias do setor.

Com o início da 2ª Grande Guerra instalou-se uma nova crise económica. Com a diminuição de dias de trabalho e o encerramento de algumas empresas a situação social tornou-se aflitiva, tendo o Presidente da Câmara solicitado ajuda a D. Maria do Carmo Carmona, primeira-dama de então. A edilidade iniciou um programa de obras públicas que deram trabalho a centenas de operários, nomeadamente a abertura de estradas que iriam ligar o Alto da Maia a Valongo, bem como a Estrada de Sobrado à Passagem. Foram também enviados louseiros à Exposição Etnográfica do Douro Litoral, no Palácio de Cristal, para fazerem lousas escolares ao vivo.

Nos anos 50, com a reconstrução da Europa, assistiu-se à abertura de novas pedreiras, melhoria das condições de trabalho e de salário, bem como o reconhecimento da silicose como doença profissional. Em 1962 é criada a Comissão das Lousas, com o objetivo de procurar soluções para a dinamização da indústria da lousa, tendo como principal obstáculo a falta de mão-de-obra. Nesta altura, foram contabilizadas cerca de 4500 pessoas que viviam desta indústria (pessoal e respetivos agregados familiares).

Existiam 22 pedreiras, das quais só 13 em exploração, e cerca de 21 oficinas licenciadas para fabrico de soletos, placas e lousas.

Em 1965, foi fundada a empresa Pereira Gomes e Carvalho, Lda. Os anos 70 ficam marcados pela continuação na luta por melhores condições de vida e de trabalho, bem como pelo "bónus", que consistia em trabalhar para o patrão até um limite pré-estabelecido e a partir daí o rendimento seria para o operário. Este "bónus" excedia muitas vezes o salário, contudo arruinava-lhes a saúde, porque trabalhavam a seco para aumentar a produção. Em 1982, a ELV foi comprada por D. M. Eugénia Lencastre Ribeiro da Silva Nunes de Matos por 13.000 contos, tendo adquirido mais três empresas de extração e venda de ardósia na região.

Na década de 80 muitas pedreiras foram extintas e outras aterradas dando lugar a novas centralidades e vias de comunicação. Atualmente existem duas empresas: a Empresa das Lousas de Valongo, SA e a Pereira Gomes e Carvalho, Lda que continuam em atividade e têm investido na especialização dos seus trabalhadores, na mecanização da extração e da produção, assim como na diversificação de produtos.



## 6. Património cultural

### 6.5 Os lugares

O Parque acolhe alguns lugares cuja localização, arquitetura(s) e planta imprimem peculiaridades muito especiais à origem e crescimento numa simbiose geográfica. Os lugares, de um modo geral, estão associados à presença de campos – agras – assentes nos solos férteis do Parque de origem aluvionar ou coluvionar, por vezes armados em pequenos socalcos e delimitados por muros predominantemente de xisto.

A área do PSeP possui no seu interior um pequeno conjunto de lugares de pequena dimensão. Aguiar, ocupa uma posição central e é o maior de todos, localizado na meia encosta, exposto a sul desenvolveu-se a partir do chamado “lugar” onde ainda hoje se encontram casas de lavoura de grandes dimensões associadas às chamadas ‘agra’s, um conjunto de vastos campos agrícolas compartimentados. Tem uma íntima ligação à denominada ‘vila’ onde se encontra a Torre do Castelo de Aguiar de Sousa. Dentro do Parque temos ainda Senande, com a sua enorme igreja do padroado real português, Sarnada, Brandiã e Couce. Na periferia do Parque localiza-se um conjunto de aglomerados uns de maior dimensão como Valongo e São Pedro da Cova – praticamente em contínuo com a grande concentração urbana do Porto e envolvente, e outros de menor como a Azenha, a Corredoura, Alvre, Santa Comba, Beloi e Covelo e com uma ligação íntima ao Parque quer sob o ponto de vista da gestão da paisagem quer da utilização enquanto local de peregrinação – Santa Justa e Senhora do Salto.

Caracterizam-se por aglomerados de povoamento, com origem medieval, cujas construções arquitetónicas utilizam o xisto e o quartzito da região. Apesar de alguma descaracterização mantêm a estrutura viária e as típicas casas de pátio fechado cuja planta define-se por um pátio ou quinteiro fechado, à volta do qual se dispõem as construções habitacionais e todas as estruturas de apoio à autossustentação, nomeadamente as cortes para os animais, a casa para as alfaías agrícolas, a casa da palha e a casa do tear. O conjunto habitacional no seu todo é normalmente murado, tornando-se numa estrutura defensiva ao acesso e aos olhares. Na construção são utilizados os recursos geológicos

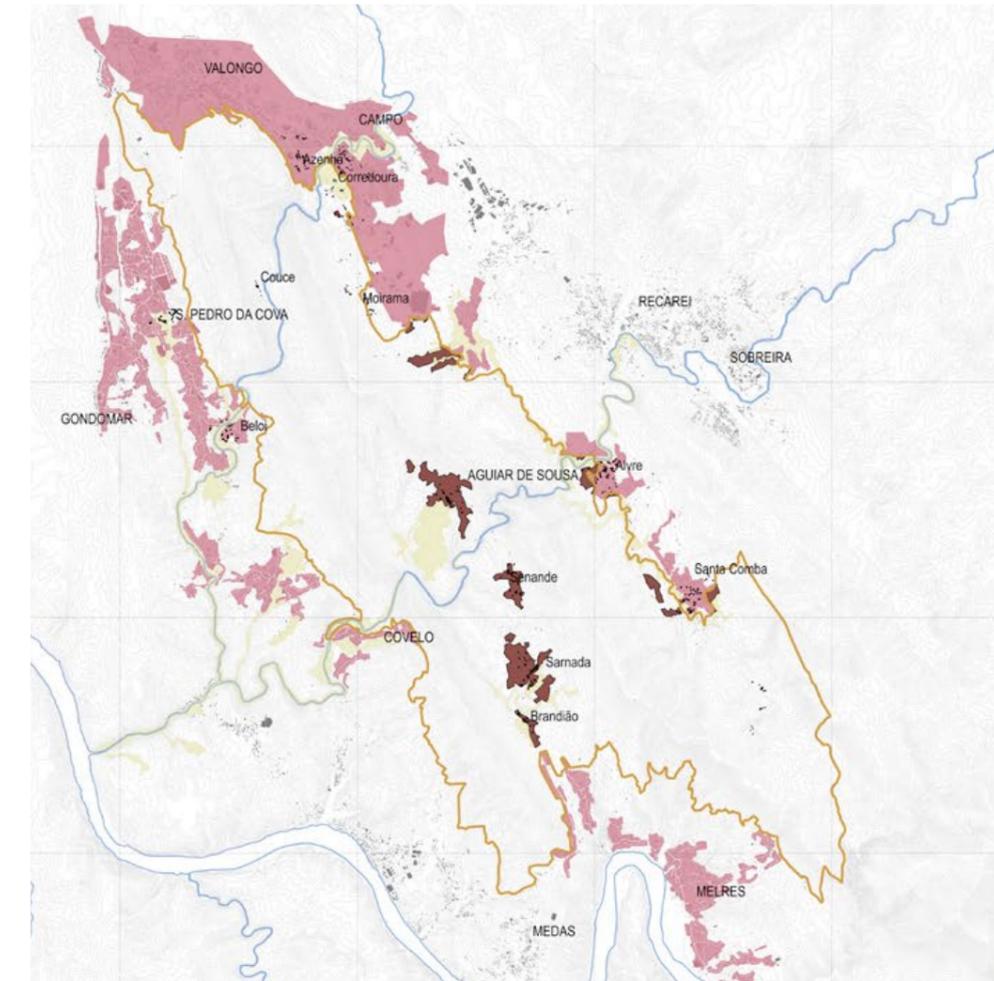
do local, pelo que as estruturas arquitetónicas são em xisto nu, de paredes espessas, cobertura de duas águas e algerozes em placas de lousa, pousam sobre as paredes. Por vezes as padieiras e ombreiras e não raro os cunhais são de granito. As janelas são pequenas e o acesso ao interior faz-se, exclusivamente por uma larga porta – fronha que se abre num simples muro, com coberto de duas águas. A aplicação das placas de lousa observa-se também no lajeado das eiras, espaço fundamental para a secagem dos cereais e encontros sociais para as atividades etno-agrícolas (desfolhadas...), construções que normalmente ficam no exterior do núcleo murado. Estes povoados estão normalmente rodeados pela horta e campos de cultivo para produção de subsistência.

Estas características socio-económicas e culturais, apesar de terem sido alvo de um estudo particular para Alvre, por Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano (2000), repetem-se nos lugares de Aguiar, Beloi, Brandiã, Couce, Corredoura, Sarnada, Senande, Santa Comba, São Pedro da Cova. Verifica-se que as casas de pátio fechado são edificações adotadas quer pelas famílias abastadas, quer pelas famílias mais modestas ou mesmo mais pobres, facto que se prende, eventualmente, ao isolamento, à autossustentação, à funcionalidade e concentração das tarefas e à proteção das pessoas e bens.

Também, se verifica alguma peculiaridade na organização do aglomerado do lugar/aldeia. A localização das habitações surgem ao longo da rede viária principal do lugar, denunciado de imediato essa primazia de acesso; os aglomerados são pouco compactos porque cada habitação rodeia-se de uma horta ou pequeno campo cercado, definindo uma rede de caminhos de circulação, como é o caso de Santa Comba, Alvre e Sarnada; quando os lugares se localizam próximos das vias fluviais, como Alvre e Beloi, as habitações implantam-se num ponto mais e levado e de “costas” voltadas para o rio; a capacidade de adaptação ao declive do terreno é visível em Aguiar, onde se observam as habitações mais concentradas ao longo das vias e os campos agrícolas ligeiramente distantes e também eles concentrados.

A Carta C05 representa os perímetros urbanos e as manchas de Reserva Agrícola Nacional de acordo com as disposições das Cartas de Ordenamento e de Condicionantes dos PDM dos três municípios.

Cartografaram-se todos os lugares do Parque e os imediatamente contíguos tendo sido feito um levantamento dos valores edificados com destaque para as casas-pátio. Para o efeito, recorreu-se a fotografia aérea das décadas de 1940-50 e trabalho de campo.



Carta C05 - PSeP - Perímetros Urbanos Contíguos

- Legenda**
- RAN - Reserva Agrícola Nacional
  - Perímetro Urbano no Parque
  - Perímetro Urbano Contíguo ao Parque
  - Valor Edificado

## 6. Património cultural

### 6.5.1 Alvre

Alvre pertence à freguesia de Aguiar de Sousa e localiza-se na margem esquerda do Rio Sousa.

Este aglomerado de origem medieval organiza-se e cresce tendo em conta por um lado o rio, voltando-lhe as “costas” numa estratégia defensiva e de controlo e, por outro lado acompanha a via terrestre que após transpor o rio através de uma ponte de quatro arcos, atravessa a aldeia em direção à zona mineira, a outros lugares e ao Rio Douro.

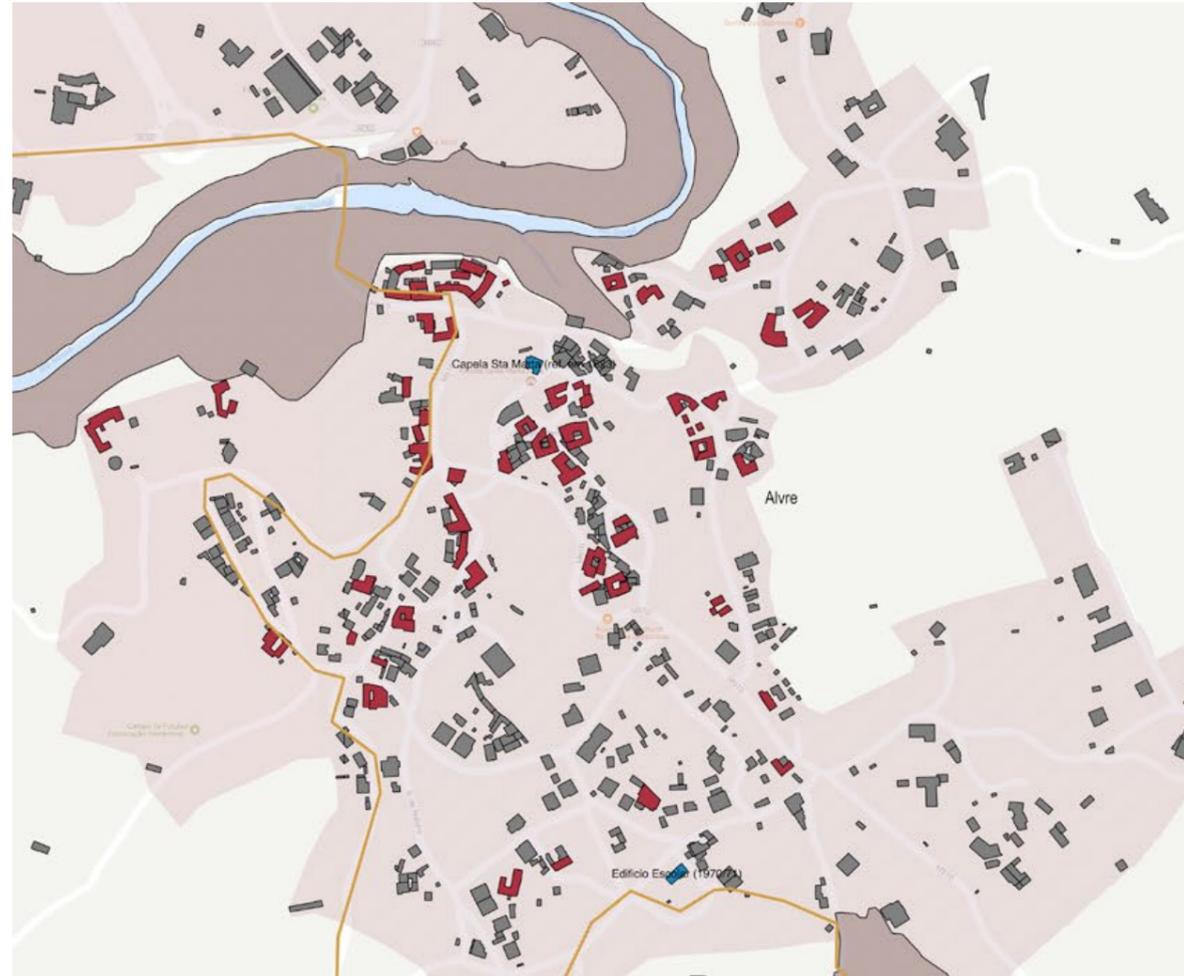
Como consequência da passagem da importante via, por onde circulavam pessoas e bens, mas lugar organizou-se urbanística e arquitetonicamente de forma a auto-proteger-se.

A casa-pátio, tipologia arquitetónica dominante, caracteriza-se como uma estrutura habitacional fechada em si própria impedindo o acesso e os olhares, acrescido por uma horta ou campo murado. Dentro deste logradouro observa-se ainda a eira com o lajeado em lousa. Nas construções são utilizados os recursos geológicos locais, designadamente o xisto.

Em 1758 já tinha 37 fogos e 125 pessoas, tendo sido no século XV uma “juradia”, o que demonstra a sua importância.

O distanciamento ao centro da paróquia e por consequência do centro religioso, associado ao número de pessoas, justificaria que nos finais do século XVI já teria no seu seio, a ermida de invocação a Santa Marta.

Em 1758, depois do lugar de Aguiar, é a aldeia com maior número de fogos e pessoas, da freguesia de Aguiar de Sousa.



Carta C5.1 - Carta Lugares - Alvre

#### Legenda

- RAN - Reserva Agrícola Nacional
- Perímetro Urbano
- Valor Patrimonial Edificado
- Edificado

A sua importância é, também, demonstrada já no século XV quando referenciada como “juradia d’Alhery” e contribuinte para a abertura da Rua Nova do Porto.

Teve edifício escolar na década de 70 do século XX substituindo a sala de aula em casa de habitação arrendada.

Junto ao rio, imediatamente próximo ao aglomerado, surgem várias estruturas de casas de moinhos, alimentadas por açudes que quebram a corrente e que reforçam a importância da prática agrícola e a produção de pão.



## 6. Património cultural

### 6.5.2 Aguiar

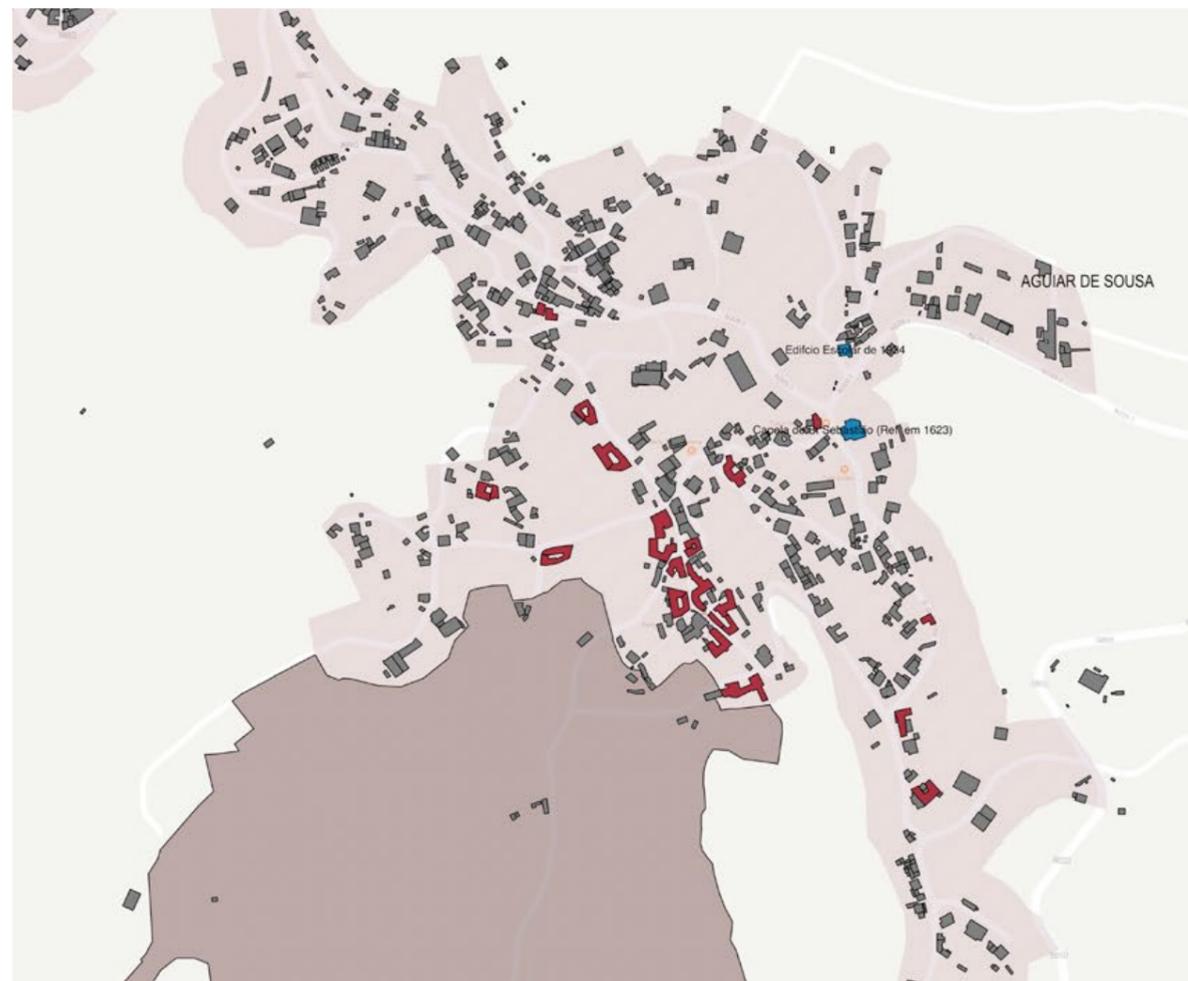
Aguiar pertence à atual freguesia de Aguiar de Sousa, mas que primitivamente poderia ter sido apenas Aguiar; quando em 1220-1229 a Igreja é integrada na Diocese do Porto e ao Padroado Régio como "Sanctus Romanus de Aguiar"; quando as Inquirições de 1258 de Afonso III eram dirigidas ao "homens do Castelo de Aguiar e aos paroquianos da Igreja de S. Romão", ou mesmo em 1623, quando o Catálogo dos Bispos do Porto refere-se à Igreja de São Romão de Aguiar.

Esta "aldeia de Aguiar" localiza-se estrategicamente na encosta sudoeste da serra de Pias, numa perfeita adaptação ao declive, desenvolvendo a prática agrícola e a pastorícia nos terrenos próximos e serras adjacentes, respetivamente. Ao mesmo tempo que exerce um controlo visual sobre o Vale do rio Sousa.

Desde cedo que terá sido um dos principais aglomerados populacionais, sendo em 1758 o maior lugar com 55 fogos e 197 pessoas.

O seu crescimento urbano estruturou-se ao longo da via principal que definia um traçado longitudinal de N-S, ao longo do qual as habitações se organizavam e orientavam as suas portas fronhas.

Observa-se que o núcleo principal emerge muito próximo dos campos agrícolas, principal riqueza, imprimindo uma hierarquia espacial, social e económica entre os habitantes de Aguiar, isto é, entre os proprietários e os não proprietários, entre os que davam trabalho e os que precisavam de trabalhar; situação que conduziu a que, nos meados do século XX, esse núcleo passasse a ser designado por "o lugar", por ser o local onde habitavam os "Senhores" que alimentavam e davam trabalhos de jorna.



Carta C5.2 - Lugares - Aguiar

#### Legenda

- RAN - Reserva Agrícola Nacional
- Perímetro Urbano
- Valor Patrimonial Edificado
- Edificado

A tipologia das habitações mantém a predominância das casas-pátio fechada e a utilização do xisto como material de construção, destacando-se, porém, no núcleo principal, casas com as fachadas rebocadas e as molduras das janelas, portas e cornija em granito, confirmando claramente a distinção social e económica do seu proprietário.

A importância de Aguiar reflete-se também, na existência da ermida de invocação a São Sebastião, provavelmente, datada desde os finais do século XVI, cuja implantação se destaca relativamente ao "lugar". Nos princípios do século XVIII, esta ermida exerceu funções paroquiais, até à nova igreja ser construída, em Senande.

Nos anos 30, do século passado, o Estado Novo dotou Aguiar de uma Escola Primária.

A esta aldeia também está associada a "lenda da Serra de Pias" reflexo claro da extrema importância que a água da "chuva" tinha para esta comunidade, pois estavam distantes do rio e das terras "lentas" das suas margens.

A deslocação das gentes de Aguiar até às margens do rio Sousa prendia-se, fundamentalmente, no uso dos moinhos hidráulicos para a transformação do cereal em farinha.

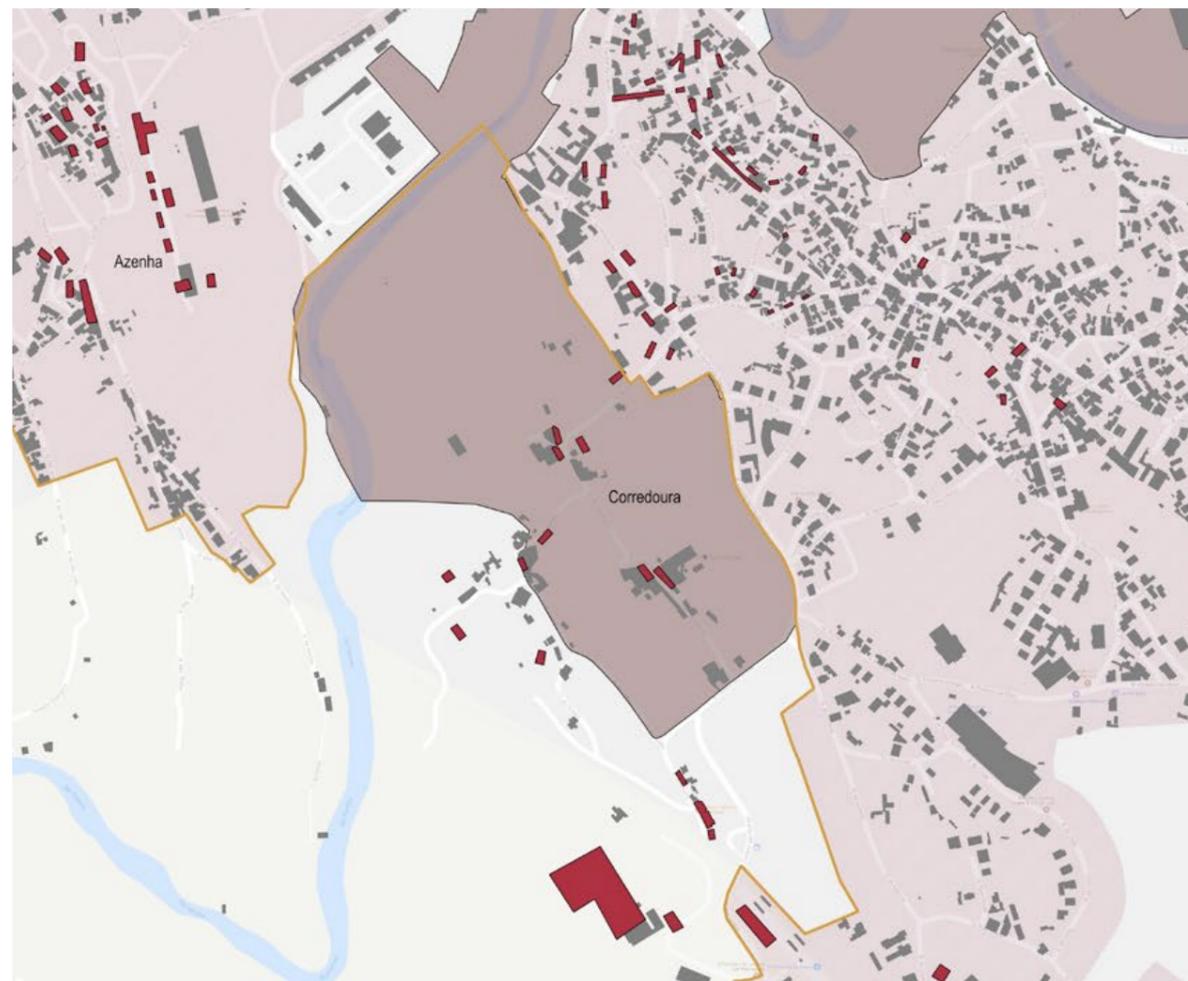


## 6. Património cultural

### 6.5.3 Azenha/Corredoura

Nas Memórias Paroquiais de 1758, é referido o Lugar da Azenha, como tendo um único morador. Na monografia sobre Valongo, datada de 1904, é mencionado o lugar d'Azenha e a Quinta da Azenha, propriedade da família de Francisco Seara. Esta propriedade seria extensa e corresponderia aos terrenos onde foi implementada uma empresa têxtil, designada por Uniteca e prolongar-se-ia até ao Hospital de S. Martinho de Campo. A casa principal desta quinta ainda é visível, junto à linha férrea, com a sua capela. Este lugar foi uma zona de exploração de lousa muito importante nos anos 40 sendo ainda evidentes os vestígios da atividade. Analisadas as fotografias aéreas de 1940 podemos constatar que existência de poucas construções e que provavelmente algumas delas seriam de apoio à extração (oficinas/escritórios).

Atendendo aos vestígios arqueológicos identificados na Corredoura, tudo indica que terá sido ocupado na época Romana existindo aqui um povoado e necrópole, muito provavelmente devido aos campos férteis para cultivo. Nas Memórias Paroquiais de 1758 é referido que a Corredoura se localiza no "valle São Jemil com só dous fogos". O crescimento do Lugar da Corredoura parece estar muito ligado à prática da agricultura, devido aos terrenos férteis de aluvião, bem como à exploração da lousa. Na fotografia aérea dos anos 40, aparecem pequenos núcleos habitacionais ladeados pelos campos de cultivo. De referir a existência de um vasto número de casas-pátio.



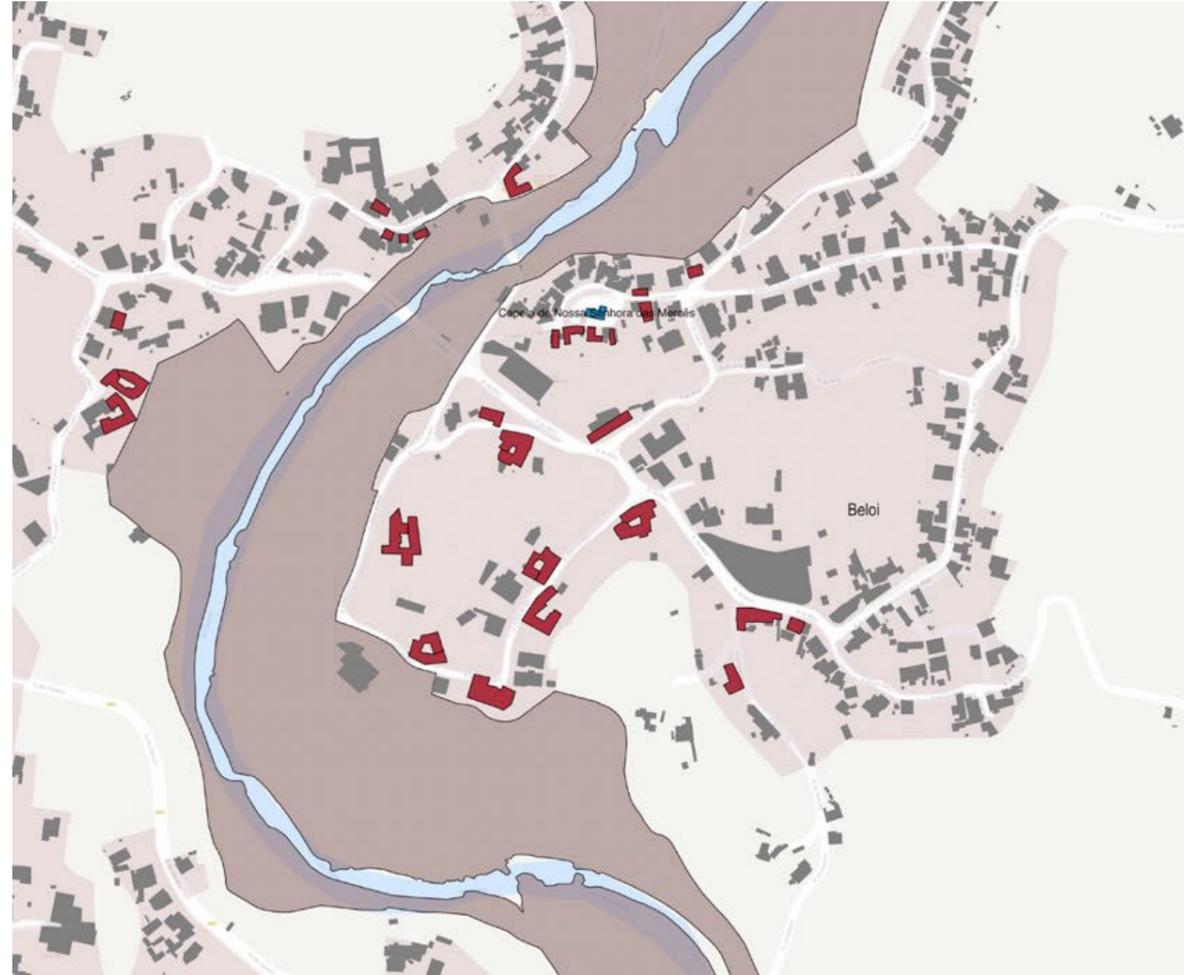
Carta C5.3 - Lugares - Azenha/Corredoura



## 6. Património cultural

### 6.5.4 Beloi

Localiza-se na freguesia de São Pedro da Cova, na margem esquerda do rio Ferreira. Este lugar é constituído por um conjunto de casas de lavoura centenárias, rodeadas por terrenos de cultivo, junto ao rio Ferreira, denominados agras. Todas as construções são de granito e ou xisto, algumas rebocadas, e possuem duas partes distintas, o piso térreo que se destina às cortes ou aidos para os animais, arrecadação de alfaías agrícolas, e produtos da lavoura, e o andar superior destinado à habitação. São casas de formas lineares e paredes lisas e nuas, feitas de pedra que muitas vezes fica à vista. No andar inferior encontramos o quinteiro, os aidos dos animais, a adega, o lagar e arrumações diversas. No andar superior encontramos a cozinha espaçosa muitas vezes com lareira, e forno de lenha, a sala (uma divisão muito especial – para principalmente receber o Compasso na Páscoa) e os exíguos quartos de dormir. Em quase todas estas casas existe ainda uma varanda larga e corrida virada para o quinteiro. Todas estas casas possuem ainda portas fronhas, a porta principal por onde entravam os carros de bois, a eira e a casa da mesma e o sequeiro que fica ao lado. Os agricultores utilizam ainda as águas do rio Ferreira para irrigarem as suas culturas num sistema ancestral de regos e condutas a partir do rio.



Carta C5.4 - Lugares - Beloi

- Legenda**
- RAN - Reserva Agrícola Nacional
  - Perímetro Urbano
  - Valor Patrimonial Edificado
  - Edificado

## 6. Património cultural

### 6.5.5 Brandiã

Brandiã, pequeno lugar da freguesia de Aguiar de Sousa, localiza-se no atual limite com freguesias do concelho de Gondomar e na margem esquerda do rio Sousa, entre as serras de Santa Iria e das Flores.

Apesar do topónimo Brandiã ser referenciado no Tombo da Mesa Abacial do Mosteiro de Paço de Sousa, de 1651, na descrição dos limites do couto do referido mosteiro, é nesta altura que lhe é associado o microtopónimo “mamoá”, por se tratar de um marco proeminente na paisagem.

Em 1758 ainda é um lugar com apenas 6 fogos e 20 pessoas. A implantação do primeiro núcleo habitacional desenvolver-se-ia ao longo do primitivo eixo viário, junto às terras aluvionares do rio Sousa, por oposição ao crescimento atual, conforme se observou nas fotografias aéreas dos anos 40-50 do século XX.

Este pequeno aglomerado emergiu, provavelmente, pela importância da proximidade com as terras agrícolas.



Carta C5.5 - Lugares - Brandiã

- Legenda**
- RAN - Reserva Agrícola Nacional
  - Perímetro Urbano
  - Valor Patrimonial Edificado
  - Edificado

## 6. Património cultural

### 6.5.6 Couce

Localiza-se na freguesia de Valongo, na margem esquerda do rio Ferreira e na vertente oriental da serra de Santa Justa. Este lugar é constituído por um aglomerado de casas concentrado, rodeado de campos de cultivo que se apresentam em anfiteatro até ao rio. Crê-se que a sua origem esteja relacionada com a exploração dos recursos minerais. O padre Joaquim Reis refere “A povoação Romana, que haveria, mesmo já depois de Augusto estendia-se desde o Castro para Couço que os latinos chamavam Kauso, de Cauçon (palavra Árabe que significa arco da flecha).”

As construções existentes caracterizam-se pela utilização de materiais vernaculares como os blocos de rocha quartzítica e o xisto ardosífero segundo a técnica de alvenaria de pedra seca (dispensa uso de argamassa). Outros materiais como a lousa estão patentes principalmente nos beirais dos telhados, o granito no suporte ou emolduramento de vãos, e a madeira aplicada nas portas, travas tetos e soalhos. Estas construções apresentam uma relação forte com os fatores geográficos, climáticos e económicos da região, desenvolvendo-se em duas partes distintas: rés do chão utilizado como cortes de animais e/ou arrumos e o 1º piso utilizado como habitação. As construções de habitação de maior dimensão apresentam um pátio interior, que serve de entrada para a casa, não possuindo corte. Na parte central de Couce existe uma construção com características senhoriais, de paredes rebocadas, quer pela dimensão que possui quer pelo facto de possuir capela. Esta possui cruz e torre sineira e no interior comporta um altar em madeira talhada e pintada a ouro, um coro e um presépio.



Carta C5.6 - Lugares - Couce



## 6. Património cultural

### 6.5.7 Covelo

A freguesia de Covelo pertence ao concelho de Gondomar e está implantada nas faldas da Serra das Flores ou Serra das Sores, como era designada no século XVIII e esteve integrada no Julgado de Aguiar de Sousa. Em 1133, o infante D. Afonso Henriques faz doação ao Mosteiro de São Pedro de Cete de metade da “villa de Lebrinho”, junto ao Douro, povoação (lugar) de Santa Maria de Covelo. Nos Tombos da Mesa Abacial do Mosteiro de Cete, do século XVI, Santa Maria de Covelo já é referida como propriedade do Mosteiro de Cete bem como a sua igreja, sendo anexa à de S. João de Sousa que é, também, do Mosteiro de Cete (Pinto 1972). No século XVII a Igreja de Santa Maria de Covelo tinha 97 pessoas de comunhão e 20 menores (Cunha, 1623). O padre era de apresentação do Real Colégio de Nossa Senhora da Graça de Coimbra.

No século XVIII, esta freguesia era constituída pelos lugares de Covelo com 31 fogos e 104 pessoas, o lugar da Lixa com 4 fogos e 13 pessoas, o lugar de Leverinho com 23 fogos e 78 pessoas e o lugar de Midões com 2 fogos e 10 pessoas. A padroeira era a Senhora da Expectação ou senhora do Ó. Nesta altura são referidas duas capelas, uma dedicada a São Martinho, no lugar de Leverinho, e outra pertença do Morgado Plácido Carneiro de Albuquerque, em honra de São Nicolau de Tolentino (Capela et al, 2009). A freguesia de Covelo estava sujeita à justiça aplicada pelo ouvidor do concelho de Aguiar de Sousa, eleito pela Câmara da cidade do Porto.

O rio Sousa atravessa o centro da freguesia cujas águas serviram ao longo dos séculos para o regadio dos milhos e lameiros e não se pagava pensão. A documentação aponta que a construção de regos para o efeito remonta ao século XVII (Oliveira, 1979). O seu percurso por esta localidade é descrito como tendo muitas



Carta C5.7 - Lugares - Covelo

levadas e uma “pinguella” de pau por onde se passava de pé de um lado para o outro, em 1758. Ao longo das suas margens havia árvores e vides que davam uvas, assim como vários moinhos de pão, um pisão e um lagar de azeite. A população produzia em abundância pão, vinho e azeite (Capela et al, 2009).

Esta produção foi sendo considerável pelo que há registos da existência, no século passado, de três engenhos de moer linho, três engenhos de azeite, um dos quais correspondia ao referido no século XVIII (Oliveira, 1979).

Ainda no século passado havia muitos colmeieiros cujas colmeias eram deslocadas, em tempo próprio, para a Maia, S. Julião (S. Tirso) e Sobrado (Valongo), sendo os cortiços transportados à cabeça ou em animais de carga, para ir busca-los por altura de S. Tiago, cheias de mel, cuja viagem era uma festa, feita ao som de violas e das cantigas das raparigas. (Oliveira, 1979)

A proximidade das freguesias e dos lugares manifestavam-se a vários níveis de cooperação assim como nas práticas religiosas. Nesta freguesia de Covelo havia um voto muito antigo, devido aos estragos de uma lagarta que devorava os milheirais, em que o pároco de Covelo acompanhado de uma pessoa de cada casa e cruzeiros ia todos os anos à procissão a Sousa, na primeira sexta feira de quaresma e da mesma forma incorporava-se anualmente nas procissões de Santa Isabel, em Sarnada e de São Roque, em Gens, cantando todos a ladainha. Em retribuição os das freguesias da Foz do Sousa e de São Romão de Aguiar incorporavam-se na procissão do São Gonçalo (Oliveira, 1979).

## 6. Património cultural

### 6.5.8 Senande

Senande pertence à freguesia de Aguiar de Sousa e localiza-se no sopé da vertente Oeste da serra da Cadela ou do Facho.

As poucas habitações implantam-se de forma elevada relativamente à envolvente, com domínio visual para o vale do rio Sousa, terrenos agrícolas e para o distante lugar de Aguiar.

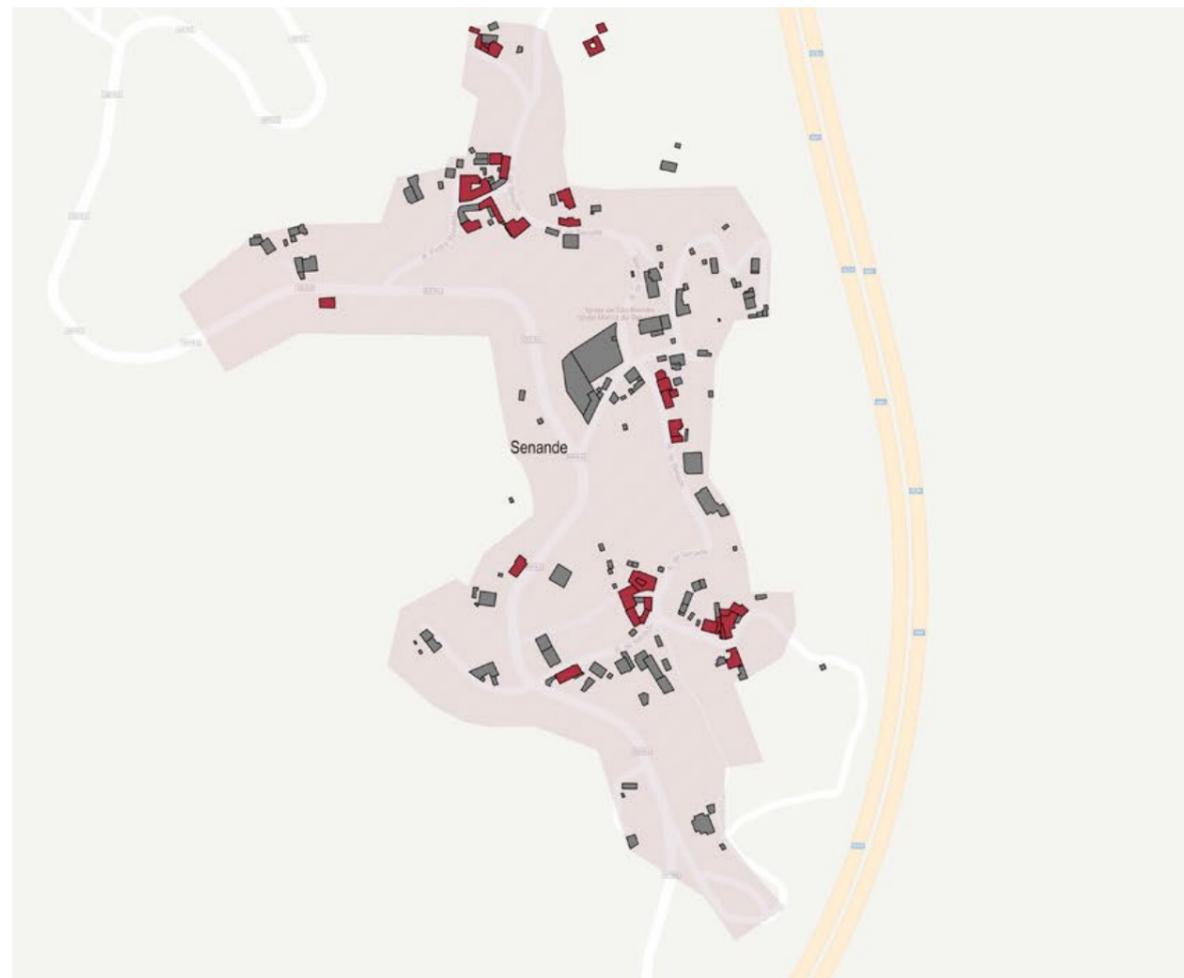
Foi neste posicionamento geomorfológico que se construiu a Igreja Matriz de Aguiar de Sousa. Apesar do distanciamento relativamente aos restantes lugares da freguesia, a sua localização altaneira permite que o som do sino faça eco no mais distante dos lugares.

É um lugar rico em nascentes, observando-se a existência de presas para reserva de água com destino ao regadio.

Terá sido, talvez, a presença da Igreja Matriz que terá ditado as construções habitacionais na sua envolvente, existindo uma padieira com data agravada, enquadrável no século XVIII.

Em 1758, Senande tinha 17 fogos e 50 pessoas, não obstante ser, ainda hoje, um povoado pequeno, foi construído uma Escola Primária, no início dos anos 30, do século passado.

A centralidade deste lugar, para além de funcionar como sede paroquial, com Igreja matriz, cemitério e residência paroquial, também, é potenciado com a sede da Junta de Freguesia, agora instalada no edifício escolar desativado.



Carta C5.12 - Lugares - Senande

- Legenda**
- RAN - Reserva Agrícola Nacional
  - Perímetro Urbano
  - Valor Edificado
  - Edificado



## 6. Património cultural

### 6.5.9 Sarnada

Sarnada pertence à freguesia de Aguiar de Sousa, localiza-se na vertente Oeste do sopé da serra de Santa Iria.

O aglomerado habitacional primitivo desenvolveu-se ao longo da via/caminho principal da altura, no sentido Noroeste-Sudoeste, tendo tido o estatuto de "juradia" no século XV. As construções habitacionais e de apoio agrícola são em xisto. Atualmente, ainda, são visíveis as tradicionais casas-pátio fechado e espigueiros de planta de tendência quadrangular, que comprovam a importância da prática agrícola.

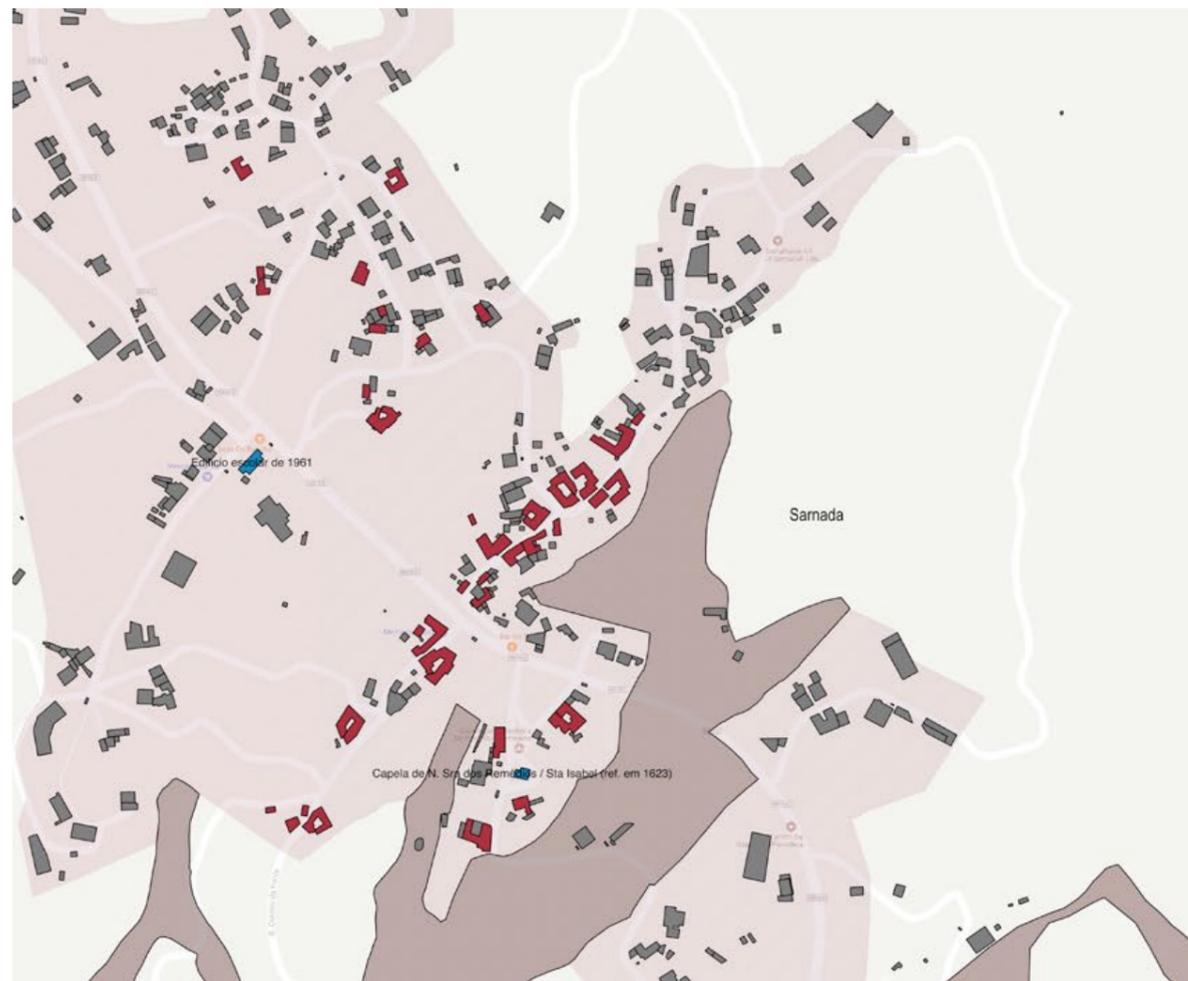
A importância deste lugar reflete-se, também, na atribuição dos contributos, por parte dos habitantes, para a construção da Rua Nova do Porto, no século XV, bem como para o casamento da Infanta D. Isabel (filha de D. Pedro II) em 1680.

Em 1623 já era referenciada a existência da ermida de invocação a Nossa Senhora dos Remédios, à qual lhe terá sido associada uma Via-sacra, cujos vestígios de cruzeiros vão sendo identificados ao longo da antiga via.

No século XVIII este aglomerado tinha 26 fogos e 90 pessoas.

O progressivo crescimento levou à construção de um edifício escolar, em 1961, integrado no programa do Plano dos Centenários.

Trata-se de um povoamento localizado num lugar de passagem e que se expandiu acompanhando o traçado da via atual.



Carta C5.11 - Lugares - Sarnada

- Legenda**
- RAN - Reserva Agrícola Nacional
  - Perímetro Urbano
  - Valor Patrimonial Edificado
  - Edificado



## 6.5.10 Santa Comba

Santa Comba pertence à freguesia de Sobreira, localizado no sopé da vertente Este da serra de Santa Iria. Este lugar nasceu e cresceu ao longo da ribeira homónima, que corre no sentido Sudoeste-Noroeste.

Por aqui terá passado uma das principais vias da época romana, facilitando a circulação de gentes e bens entre as zonas auríferas, sobretudo durante a Idade Média, usufruindo do uso das pontes de Casconha (Sobreira) e de Alvre (Aguiar de Sousa) que permitiam transpor o rio Sousa.

Santa Comba é um topónimo já referenciado nas Inquirições de 1258 “Santa Columba” reforçando a antiguidade e importância do lugar, já que esta Santa e mártir cristã nos pode remeter para a Alta Idade Média, altura em que o culto se intensificou na Hispânia.

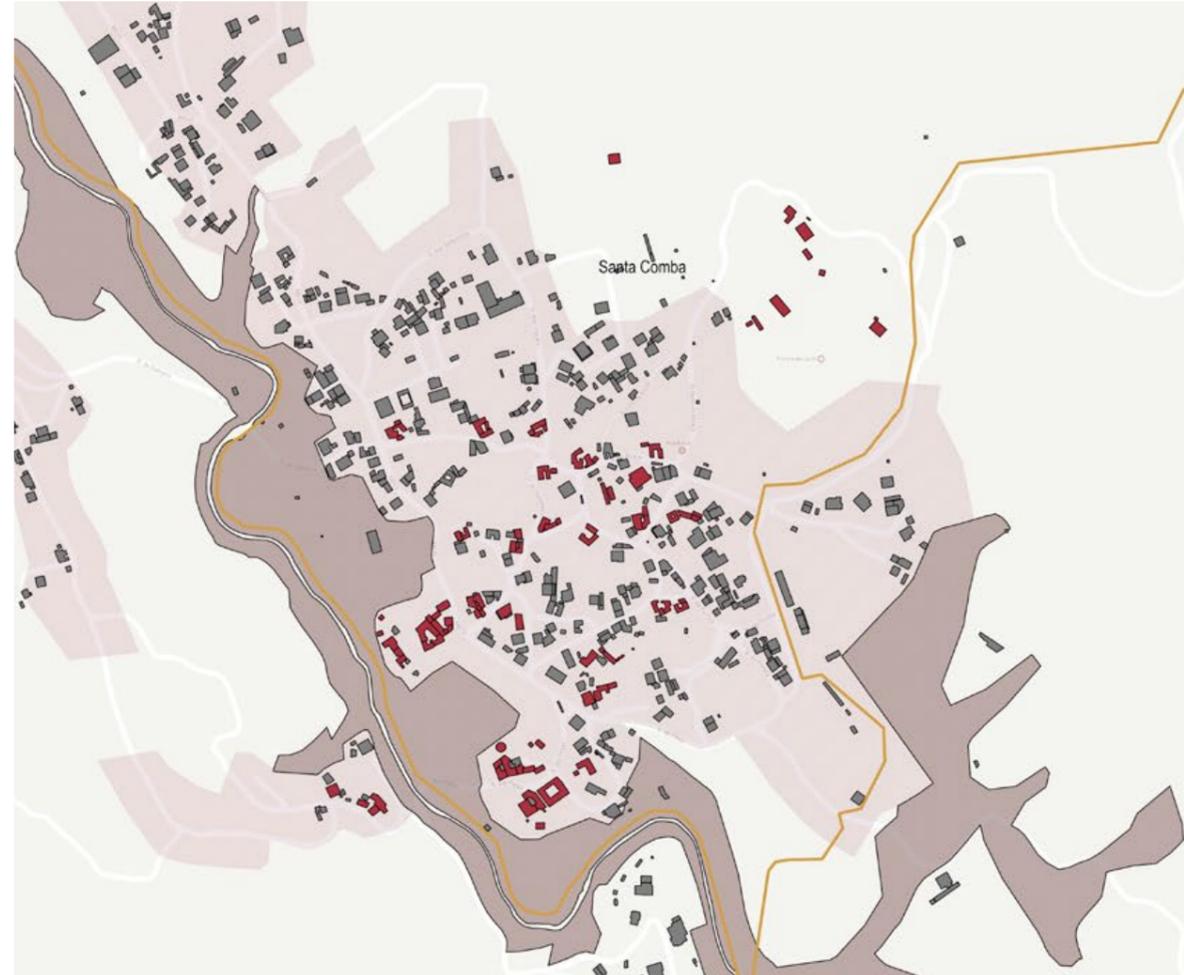
Em 1623 é mencionada a existência da Ermida de invocação a Santa Comba.

No Numeramento de 1527-1532, contabiliza a população de Santa Comba e de Casconha de oito moradores, contudo, o povoado emerge com grandes casas-pátio fechado, fundamentalmente, na margem direita da ribeira, numa relação direta com as leiras agrícolas fertilizadas pela própria ribeira. Com o crescimento demográfico, expandiu-se para Nordeste, constituindo-se por núcleos associados a pequenas hortas cercadas e cujas casas apresentam planta retilínea. As construções mais antigas são em xisto e pontualmente com as molduras dos vãos em granito.

Este lugar foi contemplado com edifício escolar no âmbito do Plano dos Centenários, Programa 1959-1962 (Edifício escolar gémeo de 2 salas – tipo rural).

**Legenda**

	RAN - Reserva Agrícola Nacional
	Perímetro Urbano
	Valor Patrimonial Edificado
	Edificado



Carta C5.9 - Lugares - Santa Comba



## 6. Património cultural

### 6.5.11 São Pedro da Cova



Carta C5.10 - Lugares - São Pedro da Cova

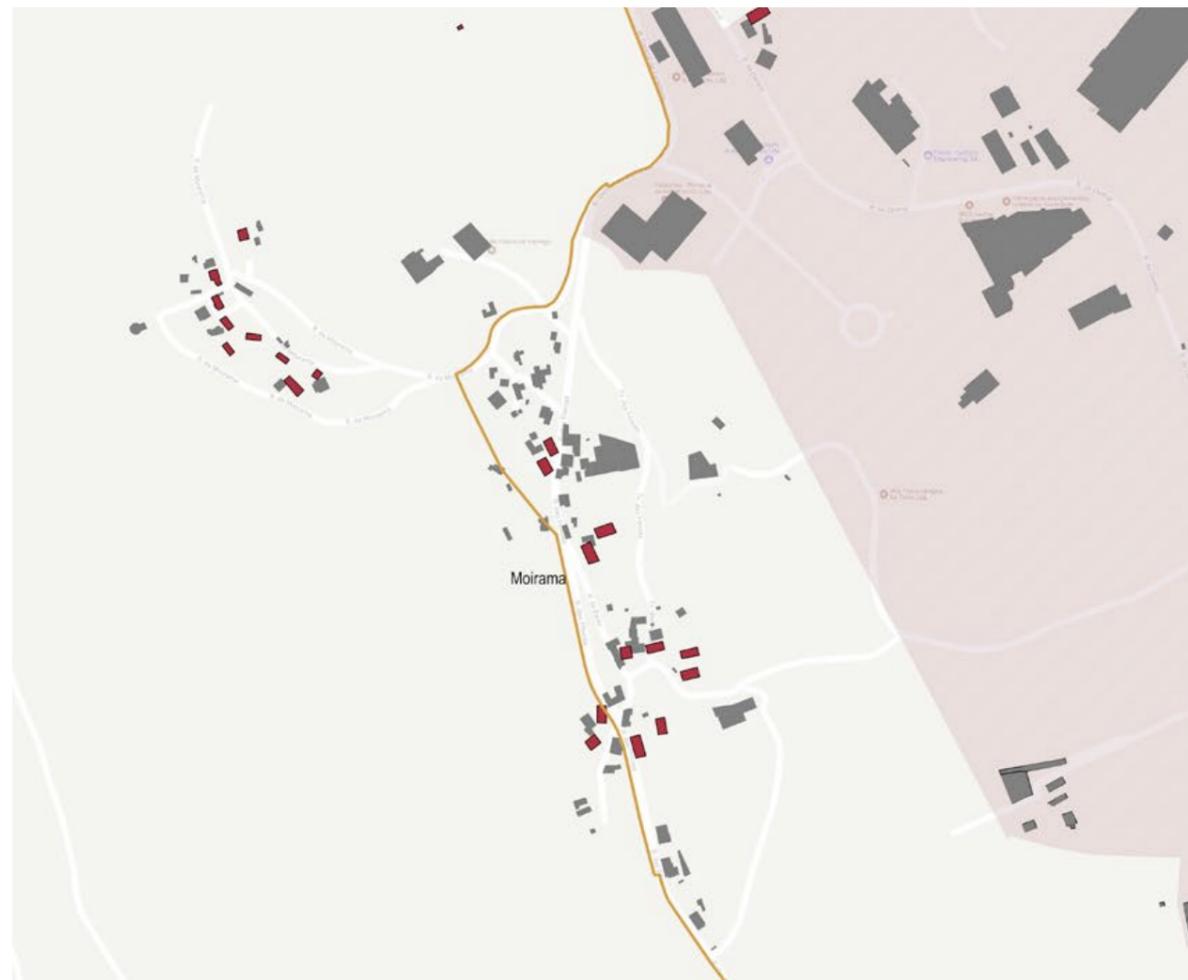


## 6. Património cultural

### 6.5.12 Moirama

Pequeno povoado localizado a meia encosta na Serra de Pias, voltado a nascente, sito na União de Freguesias Campo e Sobrado. Este aglomerado está relacionado com a exploração mineira na envolvente, sendo visível inúmeras estruturas desde fojos e galerias.

As casas distribuem-se ao longo de uma rua central, constituídas apenas por um piso.



Carta C5.8 - Lugares - Moirama

#### Legenda

- RAN - Reserva Agrícola Nacional
- Perímetro Urbano
- Valor Patrimonial Edificado
- Edificado

## 6. Património cultural

### 6.6 Bibliografia

- Alarcão, J. (1988) – **O Domínio Romano em Portugal**. Publicações Europa América. "Forum da História".
- Alarcão, J. (1988) – **Roman Portugal**. Warminster – England. Vol. II.
- Alarcão, J. (2001) – **As Paróquias Suélicas do Território actualmente Português. Actas Salmanticensia: coloqui sobre lenguas y culturas prerromanas de la península ibérica**. Salamanca: Ediciones Universidad, pp. 29 – 59
- Adersousa (s/d) – **Caminhos Antigos e de Peregrinação das Terras do Sousa. Estudo**. ([http://www.adersousa.pt/estudo\\_-\\_caminhos\\_de\\_peregrinacao.html](http://www.adersousa.pt/estudo_-_caminhos_de_peregrinacao.html))
- Almeida, C. A. F. (1968) – **Vias Medievais – Entre Douro e Minho**. Porto: Faculdade Letras da Universidade Porto. Dissertação para Licenciatura em História
- Almeida, C. A. F. de (1980) – **Os Castelos de Aguiar de Sousa e de Vandoma/Baltar. Boletim Municipal**. Paredes: Câmara Municipal. N.º3, pp.15-17.
- Azevedo, P. A. de (1898) – **O território de «Anegia». O Archeologo Português**. Lisboa: Imprensa Nacional, vol. IV, pp. 193-221
- Barreiro, J., (1922-1924) – **Monografia de Paredes**. Porto: Tipografia de Laura Couto & Pinto
- Barroca, M. J. (1990-1991) – **Do Castelo da Reconquista ao Castelo Românico (Séc. IX a XII)**. Portugal. Porto: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Nova Série – Vol. XI-XII, pp. 91-136.
- Barroca, M. J. (2004) – **Fortificações e Povoamento no Norte de Portugal (Sé. IX a XI)**. Portugal. Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Nova Série. Porto: FLUP. Vol. XXV, p. 181-203
- Capela, J. V., Matos, H., Borralheiro, R. (2009) – **As Freguesias do Distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758. Memórias, História e Património**. Coleção - Portugal nas Memórias Paroquiais de 1758. Braga, vol.5.
- Cardoso, Padre L. (1747) – **Diccionario Geografico**. Lisboa, Tomo I
- Carvalho, M. (2005) - **Foral de Baltar - 1515**. Câmara Municipal de Paredes: Reviver-Editora (fac-similado)
- Castro, L. A. (1961) – **Achados Romanos na Mina do Fojo das Pombas (Valongo)**. In: Estudos, Notas e Trabalhos do Serviço de Fomento Mineiro, Vol. XV-Fasc.3-4
- Coelho, M. F. (1988) – **Monografia do Concelho de Paredes. I – Freguesia de Aguiar de Sousa**. 1ª Ed. Gráfica de Paredes: Câmara Municipal de Paredes, 1988.
- Costa, P. António Carvalho da (1706). **Corografia Portuguesa e Descricam Topografica**. Braga: Ed. II, Tomo I, p. 331.
- Costa, L. V., Silva, M. A. (2012) – **Torre do Castelo de Aguiar de Sousa. Entre a matéria e o mito. Sobreposições do tempo. Lousada**. Centro de Estudos do Românico e do Território. N.º3
- Cunha, R. (1623) – **Catálogo dos Bispos do Porto**. Porto: Oficina PROTOTYPA, Episcopal.
- Duarte, L. M. (1995) – **A Actividade Mineira em Portugal durante a Idade Média, Revista da Faculdade de Letras**. Porto: FLUP (História). 12, pp.75-112.
- Encarnação, J. D' (1975) – **Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal (Subsídios para o Seu Estudo)**. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda
- Félix, N. (2008) – **Contribuições para o estudo do Património Geológico e Mineiro do Concelho de Paredes**. Porto: Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. 2vols. Dissertação de Mestrado.
- Ferramosca, F. (1998) – **O Porto Medieval e o seu Termo (Segundo o Livro da Rua Nova)**. Dissertação de Mestrado em História Medieval. Porto: Faculdade de Letras da UP. (policopiado)
- Freire, A. B. (1905) – **Povoação de Entre Douro e Minho no XVI século**. Archivo Historico Portuguez. Vol. III, Lisboa.
- Jorge, V. O. (1982) – **Megalitismo do Norte de Portugal: o distrito do Porto**. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1982. Dissertação de Mestrado
- Lima, A. M. C. (1993) – **Castelos Medievais do Curso Terminal do Douro (sécs. IX-XII)**. Dissertação de Mestrado de Arqueologia. FLUP. (Policopiado).
- Lima, A. M. C. (1999) – **O território Anegia e a organização administrativa e militar do curso terminal do Douro (Séculos IX-XII)**. In: Carlos Alberto Ferreira de Almeida – In memoriam I. Porto: FLUP, pp. 399-413
- Lima, A. M. C. (2008) – **A Importância Estratégica do vale do Sousa na “Reconquista”. Propostas para uma nova leitura das fontes documentais e dos dados arqueológicos. Atas do I Encontro de Arqueologia das Terras de Sousa**. OPPIDUM – Revista de Arqueologia, História e Património. Câmara Municipal de Lousada. Número especial, pp. 165-174
- Lima, A.; Félix, N., Dias, A., Silva, M. A. (2011) – **Mineração Romana no Concelho de Paredes (Portugal)**. In: Actas del quinto Congreso Internacional sobre Minería y Metalurgia Históricas en el Suroeste Europeo (León-2008). León: SEDPGYM, pp. 463-470
- Maia, A. C. S. (1980) – **De agendis: Aras de Santa Comba. O Concelho de Paredes – Boletim Municipal**. Paredes: Câmara Municipal de Paredes, 1980. 3, pp. 29-37
- Marques, José (1982) – **Património régio na cidade do Porto e seu termo nos finais do século XV: Subsídios para o seu estudo**. FLUP. Revista de História, vol. III. (Separata) <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6519.pdf>
- Marques, J. (s/d) – **A Aldeia de Couce. Valongo** – NACVAL – Núcleo de Acção Cultural de Valongo
- Mattoso, J. (1985) – **Ricos-Homens Infanções e Cavaleiros. A nobreza medieval portuguesa nos séculos XI-XII**. Coleção História e Ensaios. Lisboa: Guimarães Editores
- Mattoso, J. (1995) – **Identificação de um País. Ensaio sobre as origens de Portugal 1096-1325**. I – Oposição. Lisboa: Editorial Estampa, 5ª ed. N.º12
- Mattoso, J., Krus, L., Bettencourt, O. (1982) – **As inquirições de 1258 como fonte de história da nobreza: o julgado de Aguiar de Sousa**. Revista de história económica e social. N.º9, pp. 17-74
- Mendes-Pinto (2000) – **Instalações Mineiras romanas no Fojo das Pombas (Valongo-Portugal)**. Atas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular. Porto: ADECAP. Vol. VI, pp. 401-409.

- Oliveira, C. (1979) – **O concelho de Gondomar. (Apontamentos Monográficos)**. 2ªEd. Imprensa Moderna, Ltda. Porto.
- Oliveira, E. V., Galhano, F., Pereira, B. (1983) - **Tecnologia Tradicional Portuguesa. Sistemas Moagem**. Lisboa: Centro de Estudos de Etnologia/INIC
- Oliveira, E.V., Galhano, F. (2000) – **Arquitectura Tradicional Portuguesa. Portugal de Perto**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 4.ªEd., n.24.
- Pinho Leal, A. S. A. B. (1873) – **Portugal Antigo e Moderno. Dicionário Geographico, Estatístico, Chorographico, Heráldico, Archeologico, Histórico, Biographico e Etymologico de todas as Cidades, Villas e Freguezias de Portugal**. Lisboa:Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia.
- PINTO, J. Barbosa (1972) – **Mosteiro de Cete. Momentos da sua História**. Braga.
- Pinto, J. M. (1992) – **A Mineração do Ouro em Época Romana nas Serras de Santa Justa e Pias (Valongo)**. In: Boletim Cultural da Câmara Municipal de Valongo (O) Culto, n.º 1
- Redentor, A. (2009) – **Ara Funerária de Melres (Gondomar). (ConuentusBracaraugustanus)**. Ficheiro Epigráfico. Universidade de Coimbra: Faculdade de Letras, Instituto de Arqueologia. Vol. 89. Inscrição n.º 403
- Redentor, A. (2011) – **A cultura epigráfica no conventos Bracaraugustanus: percursos pela sociedade brácara da época romana**. Coimbra: FLUC. 2 Vol. (Dissertação de Doutoramento)
- Redentor, A. (2013) – **Em torno dos metalla durienses, no rasto dos que por lá pervagaram**. Comunicação apresentada no: I Encontro Científico – A Mineração romana de ouro em Paredes.
- Reis, J. A. L. (1904) – **A Villa de Vallongo - Suas Tradições e História, Descrição, Costumes e Monumentos**. Porto, 1904
- Rosas, L. M. C. (2008) – **Rota do Românico do Vale do Sousa. Valsousa** – Rota do Românico do Vale do Sousa, 2008. p.97-103.
- S/A (1997) - **A mineração do ouro na época romana in A Mineração no Concelho de Valongo: O Ouro e a Lousa** - Guia da Exposição, Valongo
- Silva, A. C. F. (1986) – **A cultura castreja no noroeste de Portugal**. Paços de Ferreira: Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins, 1986.
- Silva, A. C. F. (1994) – **Origens do Porto. História do Porto**. Porto: Porto Editora, pp. 46-117.
- Silva, E. M., SILVA, M. A. (1987) – **Moinhos do rio Sousa. Revista de Ciências Históricas**. Porto: Universidade Portucalense. Vol. II, pp. 341-355.
- Silva, M. A. (2008) – **Torre do Castelo de Aguiar de Sousa: resultados preliminares de uma sondagem arqueológica**. Actas do I Encontro de Arqueologia das Terras de Sousa. Oppidum, Número especial. Lousada: Câmara Municipal de Lousada. pp. 117- 130.
- Silva, M. A., Félix, N. (2008) – **Mineração Romana no Concelho de Paredes**. Actas do I Encontro de Arqueologia das Terras de Sousa. Oppidum, Número especial. Lousada: Câmara Municipal de Lousada. pp. 67-81

- Silva, M. A., Félix, N., Carvalho, L., Lima, A., Guerner Dias, A. (2011) – **O Papel do Município de Paredes na Valorização do Património geomineiro. Contributo dos Sistemas de Informação Geográfica**. In: Actas do Encontro de Arqueologia e Autarquias. Cascais: Câmara Municipal, pp.183-198
- Soeiro, T. (1984) – **Monte Mózinho - Apontamentos Sobre a Ocupação entre Sousa e Tâmega em Época Romana**. Penafiel - Boletim Municipal de Cultura. Penafiel. 3ª Ser., 1, pp. 108-121.
- Teixeira, C. (1941) – **Notas arqueológicas sobre as minas de ouro das Banjas (Serra de Valongo)**. Prisma. Porto. Vol. V, pp. 24-25.
- **Tombo da Mesa Abacial do Mosteiro de Paço de Sousa**, Tomo VI, Livro n.º 56, 1651 (manuscrito)
- Tranoy, A. (1977) – **A Proposdes «Callaeci» de Pline: Epigraphie et Peuplement. Bracara Augusta**. Braga. Vol. XXXI, 1977
- Vasconcellos, J. L. (1921-1922) – **Inscrição Romana de Santa Comba (Paredes). O Arqueólogo Português**. Lisboa. Vol XXV, pp. 248-249
- Vieira, A. (2007) – **Minas de S. Pedro da Cova (Gondomar, Porto). Breves apontamentos**. al-madan. ISSN 0871-066X. II Serie (15)
- Vieira, J. A. (1887) – **O Minho Pitoresco**. Lisboa: Livraria de António Maria Pereira. Tomo II